

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ISMAEL DE LIMA JUNIOR

Aprendendo e Ensinando com o Cinema:

Um estudo de caso com jovens universitários

SÃO PAULO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA
CULTURA

Aprendendo e Ensinando com o Cinema:

Um estudo de caso com jovens universitários

ISMAEL DE LIMA JUNIOR

Dissertação apresentada ao Programa de Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Petra Sanchez Sanchez

SÃO PAULO

2009

ISMAEL DE LIMA JUNIOR

Aprendendo e Ensinando com o Cinema:

Um estudo de caso com jovens universitários

Dissertação apresentada ao Programa de Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Petra Sanchez Sanchez

Prof. Dr. Valderez Gambale

Prof. Dr. Fernando Jesus Giraldo Salinas

Este estudo recebeu apoio financeiro do Fundo Mackenzie de Pesquisa (Mackpesquisa) e bolsa de estudo do Instituto Presbiteriano Mackenzie.

AGRADECIMENTOS

A Deus, única razão do meu existir, fonte de inspiração espiritual e rumo de vida pessoal. A Ele toda Glória, Honra e Exaltação.

À minha esposa, Giuliana Winckler, ao meu filho Nicolas, que aceitaram o fato de eu ter passado muito tempo longe de seu convívio para estudar e escrever este trabalho e nunca reclamaram disso. A ambos dizer: amo vocês.

Aos meus pais Ismael e Mary - orgulho e espelho para mim -, que sempre me apoiaram e ajudaram muito neste estudo. Sem o apoio e as horas de discussão, este trabalho não seria o que é. Não tenho palavras para expressar meu profundo agradecimento.

Aos meus irmãos Juliana e Cesar, exemplo de vida pra mim, que, usados por Deus a todo momento, estão a toda hora me dizendo o que fazer e a melhor forma de fazê-lo. Sou-lhes muito grato.

Aos amigos que sempre estiveram por perto, e mesmo quando longe, soube que apoiaram meu desenvolvimento e entenderam minhas ausências nas cervejas da vida. Obrigado, amigos !

À minha orientadora, Profa. Dra. Petra Sanchez Sanchez que, a todo instante, esteve disponível para minhas dúvidas, mesmo em momentos difíceis foi paciente e sempre presente, meu muito obrigado.

Ao Prof. Dr. Valderéz Gambale, meus agradecimentos pelas preciosas sugestões e contribuições dadas na Banca de Qualificação.

Ao Prof. Attilio Brunacci, pelas preciosas sugestões e revisão do texto.

Ao Prof. Dr. Fernando Salinas, que desde minha graduação, me auxilia e incentiva a acreditar na importância do cinema, e da música na educação. Obrigado, Professor.

À Profa. Dra. Esmeralda Rizzo, que me apoiou, confiou em meu trabalho e me incentivou a todo momento a seguir em frente na vida acadêmica. Obrigado, Professora.

À Profa. Ms. Isabel Orestes, que me apoiou no desenvolvimento deste projeto, com ideias, bibliografia e tempo, meu eterno muito obrigado.

Ao Prof. Ms. Osvaldo Takaoki Hattori, que sempre ao meu lado com seu jeito todo especial, aconselha, ajuda e está presente, minha gratidão perene.

Ao Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa, pelo apoio financeiro na realização deste trabalho, e à Universidade Presbiteriana Mackenzie pela bolsa de estudos concedida. Sou muito grato.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, muito grato também pelo apoio financeiro através da Bolsa de Estudos.

E a todos quantos, de uma forma ou de outra, me auxiliaram na luta de mais uma fase de minha vida, meus reconhecimentos agradecidos.

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo investigar uma prática de ensino focada no filme *Uma Verdade Inconveniente*, de autoria de Al Gore, junto a jovens universitários de um curso de Publicidade e Jornalismo da cidade de São Paulo. Foi feito também um mapeamento de alguns filmes disponíveis que tratam de questões ambientais e suas potencialidades para uso em educação ambiental. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa e, por sua vez, caracterizou-se por um estudo de caso exploratório e de caráter iconográfico. O estudo em sala de aula ocorreu em três etapas distintas: na primeira procurou-se conhecer a opinião da população pesquisada sobre meio ambiente e seu envolvimento pessoal em ações responsáveis; na segunda etapa foi apresentado o filme e em seguida, aplicado um questionário; na terceira etapa, propiciou-se oportunidade de um debate em sala de aula com o professor sobre o tema do filme. A análise dos dados e depoimentos dos entrevistados mostra que a utilização do filme foi importante e possibilitou discussões e reflexões sobre os problemas ambientais e seus riscos. De igual modo, contribuiu para sensibilizar e motivar os alunos para várias questões ambientais, principalmente as relacionadas com o aquecimento global. O estudo destacou a aplicabilidade do uso de novas linguagens e, especificamente o cinema - com sua capacidade de retratar uma realidade que muitos alunos desconhecem - como instrumento muito útil no processo do ensino-aprendizagem, bem como na construção de uma sociedade sustentável.

Palavras-Chave: Meio ambiente, sustentabilidade, cinema, educação.

ABSTRACT

This research aimed at investigating a teaching practice focused on Al Gore's film *An inconvenient truth*, its subjects being young university students of a Publicity and Journalism course in the city of São Paulo. A survey was also made of some available films dealing with environmental issues and their potential for use in environmental education. The methodology employed was the qualitative approach and, in its turn, was characterized by an exploratory case study of an iconographic nature. The research in the classroom occurred in three distinct phases: the first one was an attempt to find out the subjects' opinion about the environment and their participation in responsible actions; in the second phase, the subjects were shown the film and given a questionnaire; in the third phase, they had the opportunity to discuss the film's theme with the teacher. The analysis of the data and the interviewees' answers shows that the use of the film was important and favored debate and reflection on environmental problems and their risks. Likewise, it contributed to sensitize and motivate the students to several environmental issues, especially those related to global warming. The study highlighted the relevance of the use of new languages, specifically the cinema – with its ability to portray a reality that many students are not aware of – as a very useful tool in the teaching-learning process as well as in the construction of a sustainable society.

Keywords: environment; sustainability; cinema; education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Página da internet com a divulgação do Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA)	34
Figura 2	Página na internet com a divulgação do Festcine Amazônia	37
Figura 3	Platéia do Festcine Amazônia	38
Figura 4	Platéia do Festcine Amazônia	38
Figura 5	Platéia do Festcine Amazônia	38
Figura 6	Caminhão do Unibanco que é utilizado para educação ambiental	40
Figura 7	Pôster do documentário <i>A Marcha dos Pingüins</i>	41
Figura 8	Equipe dos irmãos Lumière	43
Figura 9	Tela com personagens dos irmãos Lumière	43
Figura 10	Pessoas à mesa de refeição	43
Figura 11	Paisagem retratada pelos irmãos Lumière	43
Figura 12	Página inicial do <i>site</i> do filme <i>Uma Verdade Inconveniente</i>	83
Figura 13	Página do <i>site</i> onde está o currículo de Al Gore	84

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1	Opinião do alunado quanto ao envolvimento da Universidade na Educação Ambiental	84
Gráfico 2	Opinião do alunado quanto ao comprometimento pessoal com meio ambiente	86
Gráfico 3	Opinião do alunado quanto ao interesse pessoal de temas ambientais	88
Gráfico 4	Opinião do alunado quanto ao comprometimento da sua Universidade com causas sociais	89
Gráfico 5	Opinião do alunado quanto a atitudes da sociedade para com a sustentabilidade do planeta	90
Gráfico 6	Opinião do alunado quanto a atitudes da sociedade para com a sustentabilidade do planeta	91
Gráfico 7	Opinião do alunado sobre o conhecimento ou não do filme <i>Uma Verdade Inconveniente</i>	93
Gráfico 8	Opinião do alunado sobre interesse pelo aquecimento global	94
Gráfico 9	Opinião do alunado sobre expectativas do filme	95
Gráfico 10	Opinião do alunado sobre interesses do filme	96
Gráfico 11	Opinião do alunado sobre sentimentos pessoais após assistir o filme <i>Uma Verdade Inconveniente</i>	97
Gráfico 12	Opinião do alunado sobre temas para realização de mídias	98
Gráfico 13	Opinião do alunado sobre Albert Gore	100
Gráfico 14	Opinião do alunado sobre utilização de recursos multimídia em sala de aula	101

Gráfico 15	Opinião do alunado sobre utilização de filmes para aulas, palestras, etc	102
Gráfico 16	Opinião do alunado sobre fontes de pesquisa de filmes ambientais	103
Gráfico 17	Opinião do alunado sobre momentos marcantes do filme	104
Gráfico 18	Opinião do alunado avaliando o filme	105
Gráfico 19	Opinião do alunado sobre indicação do filme	105

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Glaciar AX010 – Nepal em 1978	82
Foto 2	Glaciar AX010 – Nepal em 2004	82

SUMÁRIO

1	CAPITULO 1 - INTRODUÇÃO E GÊNESE DA PESQUISA	14
1.1	Justificativa	21
1.2	Hipótese	24
1.3	Objetivo da Pesquisa	25
1.3.1	<i>Objetivo Geral</i>	25
1.3.2	<i>Objetivos Específicos</i>	25
1.4	Metodologia	25
1.4.1	<i>Sujeito da pesquisa em sala de aula</i>	27
1.4.2	<i>Coleta de dados</i>	28
1.4.3	<i>Organização e Análise de Dados</i>	29
2	CAPITULO 2 – SOCIEDADE, CINEMA AMBIENTAL E CINEMA	30
2.1	Sociedade	30
2.2	Cinema Ambiental no Brasil	33
2.3	Cinema	42
2.4	Meio Ambiente e Cinema como Recursos Educativos na Universidade	51
2.5	Educação	69
3	CAPITULO 3 – ESTUDO DE CASO:	81
	filme: <i>Uma Verdade Inconveniente</i> no contexto do curso de Publicidade e Jornalismo de Universidade particular	
3.1	<i>Resultado da 1ª etapa da pesquisa</i>	84
3.2	<i>Resultado da 2ª etapa da pesquisa</i>	93
3.3	<i>Resultado da 3ª etapa da pesquisa</i>	106

	107
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
6 APÊNDICE	117
7 ANEXO	124

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO E GÊNESE DA PESQUISA

Durante os anos em que cursei a Faculdade de Administração de Empresas, vivenciei inúmeras e gratificantes experiências na área acadêmica, especialmente no período de conclusão do curso quando todos nós fomos desafiados a pesquisar determinado assunto como pré-requisito para obter o título de bacharel. Naquela ocasião, me pareceu oportuno investigar como o cinema - enquanto arte que, sob forma de ficção, produz obras estéticas e desenvolve diferentes narrativas - poderia ser utilizado como apoio pedagógico em várias áreas, principalmente no preparo de equipes de empresas que atuam no treinamento de pessoal. Minha prática e meus conhecimentos, adquiridos ministrando palestras e cursos, trouxeram-me alguns questionamentos a respeito da importância da reflexão sobre temas, tais como: motivação, liderança, delegação de tarefas e planejamento estratégico, dentre outros. Assim, encontrei na linguagem cinematográfica uma maneira de tornar a alegoria histórica, que tanto atrai o público em qualquer idade, uma das possíveis estratégias para meu trabalho cotidiano em sala de aula.

Creio ser importante citar que, em minha monografia de graduação no curso de Administração de Empresas, detive-me na análise do filme *Mestre dos Mares* (2003, EUA), uma obra de ficção do diretor Peter Weir. Considero oportuno comentar brevemente sobre ele para caracterizar a compreensão do uso do cinema na área de treinamento de recursos humanos, e não apenas para usá-lo como entretenimento. O filme se passa durante as Guerras Napoleônicas (campanhas em que se enfrentaram Napoleão I e as potências européias. 1796-1815), e o ator Russell Crowe representa o seu personagem principal como o capitão “Lucky”. Outros personagens tornam a ficção ainda mais dramática, de modo especial quando o navio, o *H.M.S. Surprise*, é subitamente atacado por um inimigo mais forte. O *Surprise* fica seriamente danificado e com muitos homens feridos. O filme apresenta cenas onde se confrontam aspectos éticos, e onde o dever e a amizade são questões a serem consideradas.

Através da análise dessa obra foi possível perceber um espaço interessante para discutir a liderança na medida em que, em várias situações e cenas, o capitão do navio age de maneira coerente, levando seus tripulantes a guerrearem com o necessário entusiasmo para vencer o inimigo. Estudamos também o planejamento estratégico do

capitão Jack que prepara algumas armadilhas para o inimigo e sai vitorioso, porque teve paciência e agiu com coerência e atenção. Várias outras cenas estudadas nesse mesmo filme tratavam sobre a delegação de tarefas dentro do navio, quando o capitão confere responsabilidades de modo a valorizar cada uma das habilidades de seus comandados e a retribuir de uma maneira que fosse adequada a cada um.

Outras experiências com filmes e audiovisuais na minha vida profissional de consultoria em empresas da cidade de São Paulo e do Interior, têm dado um retorno interessante na medida em que se pode conseguir um *feedback* da parte dos ouvintes e participantes. Como docente, tenho tido a oportunidade de fazer uso em sala de aula de vários filmes como: *Patch Adams* (1998, EUA) – O amor é contagioso, do diretor Tom Shadyac; *Minha Vida* (1993, EUA) - dos diretores Jeffrey Lyons e Sneak Preview, e ainda *Cirque du Soleil* 1996, Amsterdam – Apresentação Quindam, que faz uma primorosa apresentação nos palcos mais grandiosos do mundo. Na verdade, o espetáculo circense nos amplia o conceito de união, de força e de trabalho em equipe. Outros tantos poderiam ser mencionados, como resultado de minha prática profissional; porém, creio ser possível iniciar novas buscas e conhecimentos no que se refere a outras práticas pedagógicas em sala de aula. Assim é que temos utilizado o cinema em várias disciplinas, tais como Linguagem do Som e da Imagem e Ética I e II nos Cursos de Publicidade e Jornalismo.

Os filmes fazem parte do cotidiano da sociedade; eles são utilizados de diversas maneiras e em muitos lugares. Somos bombardeados por curtas-metragens em comerciais de televisão; vamos ao cinema e as mídias nos influenciam de formas diferentes. Estamos em um contexto de globalização, de evolução tecnológica, meios diversos de utilização das mídias que, muitas vezes, nos influenciam sem percebermos. E o filme, seja ele um longa-metragem, um curta-metragem ou, mesmo, um comercial, nos influencia de muitos modos, na medida em que estará atuando em nossas emoções, em nossos sonhos, em nossa realização pessoal; até mesmo se apresenta como um *estereótipo* que é colocado como modelo para a sociedade em que vivemos. O cinema hoje é tratado também como um veículo de comunicação de massa; portanto, faz parte da vida social, emocional, intelectual das pessoas, atua em nossas vidas e de forma incisiva, marcante e emocional.

A Sétima Arte, como é chamado o cinema, com suas sofisticadas tecnologias e cenas, além da realidade, é capaz de nos transportar a lugares inimagináveis. Por isso, esta pesquisa apoia-se na observação cada vez maior do cinema, voltado para filmes que tratam de temas ambientais e que, de igual modo, se difundem na televisão brasileira. Tais filmes, como, por exemplo: *Uma Verdade Inconveniente* (2006, EUA) que é nosso objeto de estudo, e tantos outros como: *Marcha dos Pingüins* (2005, França), que têm, a princípio, o caráter do entretenimento, vem sendo apresentado aos jovens também no contexto escolar por professores de diferentes áreas; trata-se de uma tentativa de formar a opinião da atual geração e de introduzir valores culturais para a consolidação do ensino.

Entretanto, é oportuno destacar que esse precioso apoio didático ainda é muito pouco utilizado nas escolas, embora, infelizmente, inúmeros docentes o utilizem como recurso secundário ou, então, para preencher uma aula vaga, suprir a ausência de professores, entre outros motivos, o que pode levar o alunado à indisciplina ou não despertar seu interesse.

Esta investigação não se faz inédita; ao contrario. Na verdade muito tem sido falado e discutido sobre o poder com que as imagens, de um modo geral, vêm influenciando o público jovem de maneira bastante intensiva; é um fenômeno que cria a necessidade de discutir como os jovens impressionados pela publicidade e pelo cinema veem as peças publicitárias e as imagens cinematográficas e se tornam alvos infalíveis das campanhas de consumo. Como exemplo, basta ligar a televisão e perceber o “poder” que esse aparelho exerce sobre o ser humano desde o seu aparecimento até o século XXI. Considera-se, assim, que a televisão, a publicidade e os filmes, de um modo geral, estão se transformando em veículos transmissores de códigos de inclusão social, determinando comportamentos e formando costumes.

É interessante considerar que o grupo de jovens universitários na faixa etária de 19 a 20 anos, aproximadamente, são influenciados pelos meios de comunicação de massa (internet, canais segmentados de comunicação como a TV por assinatura, cinema etc.) e constituem uma classe de pessoas importante para o mercado de consumo e para a formação de opinião sobre marcas e produtos.

As perspectivas das transformações que vêm ocorrendo no mundo nos últimos tempos, devido às intervenções do ser humano no planeta, voltadas para a irracional e

exagerada exploração dos recursos naturais, têm despertado em mim muitos questionamentos. São questões que surgem ao tomar consciência dos desafios que nós, professores universitários, temos que enfrentar na atual circunstância da sociedade contemporânea.

Como docente universitário na área de publicidade e jornalismo, devo levar em consideração o papel da comunicação; nela, o cinema merece um destaque especial como instrumento de mediação entre o ensino e a aprendizagem.

FREIRE (1983) em *A Educação como Prática da Liberdade*, constatou que os alunos aprendem com mais facilidade se o conhecimento estiver vinculado aos saberes de sua realidade. Isto poderia fazer com que o aluno se apropriasse do conhecimento que corresponda às suas necessidades e às suas realidades e, a partir daí, transformar essa apropriação em novos conhecimentos.

Levar para a sala de aula o cinema que apresente um conteúdo relacionado com temas ambientais, através das narrativas que os filmes e as imagens proporcionam, poderá estimular a imaginação do aluno e facilitar a aprendizagem. Os personagens dos filmes passam a compor o imaginário coletivo do expectador, de tal forma que transcendem o universo ficcional e, como figuras exemplares de virtudes ou de vícios, transitam pela vida pessoal de cada um. Essa é a riqueza do cinema, a partir da qual surge a possibilidade de ser um recurso pedagógico para o ensino nos moldes interdisciplinares, uma vez que pode ser aplicado em diferentes disciplinas.

Acredito, portanto, que o cinema ao qual aqui chamamos ambiental seja um caminho adequado a ser trilhado por meio da utilização de determinados temas em sala de aula. Nesse sentido, as abordagens das questões ambientais, contribuindo com um conteúdo interdisciplinar, pode, de um lado, fazer dos alunos cidadãos responsáveis pelo meio ambiente em que vivem; por outro lado, fazer-me refletir sobre a minha própria prática de ensino.

Diante desse panorama, minha preocupação é sugerir a utilização do cinema como um dos recursos didáticos importantes quando se trata das questões ambientais, e também de promover o desenvolvimento desse tema nos cursos de graduação de forma interdisciplinar. Essa sugestão, aliás, vai ao encontro do que estabelecem as diretrizes

estabelecidas pela Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9.795, de 1999 (Brasil, 1999).

Como a proposta deste trabalho é envolver jovens universitários da faixa etária de 19 a 20 anos, acredito que a própria universidade seja um excelente espaço para construir o conhecimento sobre as questões ambientais mediante as infinitas possibilidades do cinema como instrumento de conscientização. Nesse cenário, é oportuno de igual modo considerar as rápidas transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, principalmente aquelas que envolvem a sua relação com a natureza, hoje cada vez mais distante do ser humano que depende dela. Ainda é importante destacar que essa geração que será estudada já cresceu sendo exposta à discussões sobre temas ambientais, ou seja, expressões com as quais iremos discutir, como, por exemplo, preservação da natureza, aquecimento global, reciclagem, etc., terminologia essa que já fazem parte de seu cotidiano.

Nesse horizonte de observações, o presente estudo pretende compreender a forte influência que as imagens veiculadas na mídia cinematográfica exercem na cultura dos jovens, especialmente como futuras formadoras de opinião e costumes. Insistindo, nossa preocupação principal é construir um sólido conhecimento sobre as questões ambientais.

Silveira, dissertando sobre as artes visuais observa a força que a imagem exerce sobre todos nós: Sobre isso, argumenta:

Não há como negar a ação das imagens sobre nós nos dias de hoje. Elas nos cercam e, por consequência, nos afetam. Nos grandes centros urbanos, a percepção é saturada de imagens produzidas pela mídia. Nesta realidade, o indivíduo mudou seus costumes e alterou seu comportamento. O hábito da leitura, por exemplo, foi sendo substituído pelo rádio, pela televisão e pelo cinema, e assim, a imagem e sua influência passaram a permear a vida social trazendo o consumo, muitas vezes sem crítica.(SILVEIRA 2006, p. 14)

A convivência dos espectadores jovens com toda sorte de mídia e a interferência destas no indivíduo, na sua fase de formação da identidade, são temas polêmicos. É por

isso que os educadores discutem as consequências dessa interferência, especialmente dos filmes e dos efeitos exercidos pela televisão na sociedade chamada pós-moderna.

O filme, como linguagem, é um instrumento cultural que ajuda a sensibilização, e que imita a realidade. A linguagem mediadora entre o indivíduo e a realidade influencia a formação pessoal, social, psicológica e, inclusive, sentimental do público: Isso acontece na medida em que esse público passa a seguir padrões de moda, por exemplo, e imitar o palavreado e as atitudes, aplicando ao seu cotidiano tudo o que ouve ou vê.

Nesse entendimento, a proposta da pesquisa é analisar o documentário *Uma Verdade Inconveniente* e, em seguida, investigar a interpretação e percepção desses jovens, e entender até que ponto esse filme utilizado como ferramenta é útil para conscientizar e provocar uma mudança de atitude quanto às questões ambientais.

Como reforço de nossa proposta centrada na educação, o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, da UNESCO, diz:

[...] entre outros caminhos e para além deles, [a Educação é] como uma via que conduz a um desenvolvimento mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões e as guerras.

Nesse sentido, é fácil perceber a grande importância da arte cinematográfica também na educação, assim como outros meios de que dispomos nos sistemas educativos. Sobre isso apoiamos no que Morin fala sobre a magia no cinema, da leitura e das formas de compreensão da sociedade e do mundo:

[...] No âmago da leitura ou do espetáculo cinematográfico, a magia do livro ou do filme faz-nos compreender o que não compreendemos na vida comum. Nessa vida comum, percebemos os outros apenas de forma exterior, ao passo que na tela e nas páginas do livro eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas. (MORIN 2002, p. 38)

Ainda quanto à magia do cinema referida por Morin, vemos que novas tecnologias proporcionam cada vez mais uma melhor qualidade de filmes e, nos últimos

anos, de documentários que tratam da relação do homem com o meio ambiente. É enorme a quantidade de filmes relacionados com a questão ambiental e de documentários que trazem a mesma temática. Entre eles, citamos: *Viciados em Petróleo*, *O Dono do Tempo*, *Agenda 21: a Utopia Concreta*, entre outros.

Estudos de Toledo (2005), sobre ficção cinematográfica argumentam exatamente esse contexto quando destacam a grande quantidade de filmes e ótimas produções dos últimos anos:

Quando falamos de cinema, ao olharmos a filmografia, veremos a quantidade impressionante de ótimos filmes produzidos nos últimos anos. Filmes instigantes, com conteúdos inteligentes, que geram discussões oportunas sobre temas que interessam ao nosso tempo. Estes filmes falam de sociedades opressoras, de grandes divisões de classes sociais, econômicas e culturais, de tecnologias sofisticadas, de encontro com outros seres inteligentes, de poesia, de conhecimento interior. (TOLEDO 2005, P. 75)

Seu depoimento permite-nos basear a idéia de que a educação, ou melhor, o uso do cinema como instrumento do processo educativo, é extremamente plausível e aceitável e, até mesmo, essencial nos dias de hoje; seu emprego leva o alunado a se adequar também a essas novas mídias e tendências mundiais. E, além de tudo, quando se trabalha com cinema dentro de sala de aula, o professor tem a oportunidade de trabalhar com as emoções de cada um de seus alunos.

Neste contexto, estamos propondo um estudo e uma análise do uso do cinema nas salas de aula do século XXI. Na sociedade globalizada de hoje, para se utilizar novas ferramentas no processo de aprendizagem é preciso quebrar alguns paradigmas, ou, para ser mais claro, é preciso provocar o aluno para que cada vez mais saia de sua passividade e seja levado a questionar, envolver-se, pensar, e não simplesmente receber uma resposta, ou melhor, receita pronta. É necessário haver uma troca de conhecimento entre alunos e professores para que possa gerar um novo conhecimento para ambos. Sabemos que, no modelo de educação tradicional, predomina muitas vezes a “rivalidade” entre mestre e aprendiz. O cinema aparece nesse momento importante da história para que haja uma aproximação, uma troca, um compartilhar e, quando isso acontece, crescer de forma conjunta.

Ainda no âmbito do emprego didático de cinema, pretende-se estudar um tema ambiental; em outros termos, essa ferramenta, quando utilizada em sala de aula, pode também contribuir para que o aluno seja levado à reflexão quanto às questões ambientais de nossa sociedade que são patentes nos dias que vivemos. O nosso meio ambiente tem sido degradado, e usado de forma irresponsável por várias gerações; essa realidade já é uma referência para provocar a conscientização do alunado. Com esse pano de fundo, a pesquisa irá ter como protagonistas os alunos de um curso de Publicidade e Jornalismo; seu foco principal será provocar reação, percepção e interpretação desse público, a ponto de tentar entender se a ferramenta “cinema ambiental” pode, com eficácia, ser usada em sala de aula.

Com isso, o motivo da escolha do tema “cinema ambiental” é procurar trazer para uma realidade prática na vida e cotidiano do alunado um assunto de grande significado na sociedade atual. Desse modo, os alunos poderão ser transformados em protagonistas porque cada um é responsável por uma parte na tarefa de preservar e conservar o meio ambiente que é o substrato da vida do ser humano na terra.

1.1 Justificativa

A relevância deste estudo tem como pressuposto a importância de utilizar a arte cinematográfica e a televisão nas salas de aula: Sendo bem utilizadas, irão promover reflexões sobre o adequado emprego dos métodos audiovisuais no que se refere ao cinema de conteúdo ambiental, para auxiliar na construção do conhecimento que, do mesmo modo, promovam atitudes positivas em defesa do meio ambiente.

Pensar em construir conhecimento no campo da educação – seja ele em que ramo for, - nos remete às teorias de autores que têm contribuído com as propostas pedagógicas atuais tais, como: Lev Vygotski (psicólogo bielo-russo pioneiro na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais) e Henri Paul Hyacinthe Wallon (filósofo e médico francês, que realizou seu trabalho científico sobre a psicologia do desenvolvimento), entre outros.

Vygotski e Wallon destacam que o homem, sendo um ser social, tem papel imprescindível na sociedade, no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e culturais que, aliás, historicamente foram alicerçadas na sociedade de seu tempo.

Pelo conceito desses autores, no final do estudo conseguimos não só entender as formas como são utilizados os recursos audiovisuais, como também sugerir adequações e novos usos, na proporção em que os resultados foram aparecendo. Assim sendo, pudemos ver ainda o trabalho na medida em que fomos sensíveis para entender que a utilização do documentário estudado gerou mudança na postura do jovem no que se refere à sua posição dentro do contexto ambiental em que vive.

De igual modo, a pesquisa pode: fornecer-nos informações interessantes no que diz respeito aos conhecimentos dos alunos sobre a temática ambiental; dar a entender o comportamento, o interesse e a aceitação dos jovens com relação ao documentário projetado; observar o nível de entretenimento e apreço de cada um a partir dos estímulos visuais.

Pfromm Neto (2001) advoga que as instituições escolares, nestes últimos anos, se prendem a um sistema de ensino muitas vezes precário e impróprio para o contexto da sociedade atual. Ele está se referindo a esse sistema verbalista aplicado atualmente nas escolas onde somente o professor fala e o aluno se comporta como simples receptor.

Sempre é bom insistir: cinema e televisão estão intimamente inseridos nos hábitos e necessidades do mundo na atual circunstância do século XXI. Sobre essa magia tecnológica, Morin (2002) sustenta que tais invenções transformam o ambiente, envolvem as pessoas, revelam linguagens corporais e visuais:

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele – nos toca e “tocamos” os outros que estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experimentamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos[...] O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas

começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. As linguagens de TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão. O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo.(MORIN 2002, p. 45)

Então, com a força desse recurso, -como revela esse autor, - procuramos com a pesquisa trazer para a sala de aula um auxílio no processo educacional, na medida em que pudemos contar com mais um importante instrumento para inserir a questão ambiental; todavia, não só nos cursos de publicidade, como também buscando atingir maior número de indivíduos em outros espaços da educação não-formal.

A altamente lucrativa indústria do cinema sabe explorar com perfeição o lado sensorial das pessoas; dessa forma, tem conseguido atingir principalmente a população mais jovem. Prova disso é um outro documentário, do qual falaremos mais adiante, chamado *A Marcha dos Pinguins*. O retorno financeiro desse filme foi tão bom que Hollywood já está investindo outros milhões de dólares na produção de diferentes documentários ambientais seguindo o exemplo desse primeiro.

Nesse mundo de espetáculo visual, existe um pequeno segmento do campo educacional que são os educadores; eles estão atentos a modernos modelos audiovisuais voltados para criar novos paradigmas. Com base em novos paradigmas, e estando na vanguarda dos movimentos educativos, vários educadores têm se preocupado em desenvolver métodos de ensino que não se limitam a atingir o intelecto; vão além dele.

A esse respeito, Machado, representando assim um segmento de educadores fala da seguinte maneira:

Os educadores de forma geral estão cada vez mais cientes que apenas o desenvolvimento de habilidades intelectuais menosprezando as emocionais e criativas dos estudantes, pode ser prejudicial. Melhorar o autoconhecimento, a criatividade e a

sensibilidade interpessoal dos estudantes nas salas de aula é o que buscam os professores.(MACHADO 2000, p.135)

Por conseguinte, face às considerações aqui apresentadas, e partindo do pressuposto de que o cinema de conteúdo ambiental é importante no processo educativo, bem como com base nos objetivos definidos, destacamos a hipótese e questões que nortearão o nosso trabalho.

1.2 Hipótese

O cinema, aqui denominado ambiental, tem potencial educativo. Então, ele pode ser utilizado na universidade como recurso no processo de ensinar e de aprender e, desse modo, colaborar na dinâmica de integração dos alunos e professores. Nessa dinâmica, tem condições de incentivar os professores a repensar a prática pedagógica no sentido de criar espaço para que, junto com os alunos, possam transmitir conhecimentos sobre as questões ambientais e compartilhar os conhecimentos transmitidos.

Questões

- A utilização de filmes que tratam da questão ambiental e reflexões feitas em conjunto - professores e alunos - podem contribuir para sensibilizar e conscientizar os alunos do curso de Publicidade e Jornalismo de uma universidade particular da cidade de São Paulo, para obter um maior comprometimento com a melhoria da qualidade ambiental?
- O documentário *Uma Verdade Inconveniente*, utilizado como recurso didático, poderá contribuir para efetivar mudanças nas percepções dos alunos no que diz respeito às questões do aquecimento global?
- Existem filmes disponíveis que tratam das questões ambientais para serem utilizados em sala de aula?

1.3 Objetivos de Pesquisa:

1.3.1 Objetivo Geral:

O presente trabalho tem como objetivo investigar uma prática de ensino focada no documentário *Uma Verdade Inconveniente* de autoria de Al Gore (ex-vice-presidente dos EUA). A partir daí, conhecer qual a possibilidade de propiciar reflexões e despertar sensibilidade quanto às questões ambientais da atualidade, e quais as condições de contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos de um curso de Publicidade e Jornalismo de uma universidade particular da cidade de São Paulo.

1.3.2 Objetivos específicos:

- a) Investigar, por meio das narrativas dos alunos pesquisados, se o filme *Uma Verdade Inconveniente* estimulou a sensibilização dos jovens para as questões ambientais e o seu envolvimento nelas, especificamente quanto ao aquecimento global.
- b) Fazer um mapeamento de alguns filmes disponíveis que tratam de questões ambientais para uso em educação ambiental.

1.4 Metodologia:

A presente pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa do tipo estudo de caso exploratório e de caráter iconográfico. Seu ponto de partida foi um levantamento bibliográfico do uso do cinema na universidade. Em seguida, foi complementado com o trabalho de campo, mediante a aplicação de um questionário, cujo objetivo era obter informações sobre o que foi observado em sala de aula em decorrência da apresentação do documentário, bem como o levantamento dos filmes que tratam das questões ambientais.

Segundo Aaker et al (2004, p. 94),

A pesquisa exploratória é usada quando se busca um entendimento sobre a natureza geral de um problema... Os métodos são muito flexíveis, não estruturados e qualitativos, para que o pesquisador comece seu estudo sem concepções sobre aquilo que será encontrado.

Quanto à importância da abordagem qualitativa, Chizzotti (2002, p.79) esclarece:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (CHIZZOTI 2002, p.79)

O documentário *Uma Verdade Inconveniente* foi a base desta pesquisa. Foram realizadas duas sessões de “cinema” com a projeção do documentário: Em seguida, realizou-se a entrevista com os alunos por meio de questionário.

Como se tratava de atividade acadêmica que envolve seres humanos, o questionário respeitou o anonimato dos participantes, preservando, assim, a identidade do público pesquisado.

Como parte da pesquisa, foi feito um registro e um mapeamento de alguns filmes e documentários que tratam do meio ambiente. A proposta é descobrir o que existe sobre o cinema de conteúdo ambiental no Brasil.

De igual modo, foi feita uma consulta ao catálogo de filmes desse mesmo gênero na Fundação para o Desenvolvimento da Educação destinado aos professores de rede pública, visto que o acervo é composto de, aproximadamente, 412 filmes a serviço do ensino público.

O estudo se iniciou com um levantamento teórico descritivo de filmes que tratam de questões ambientais, buscando fazer um mapeamento de algumas produções existentes.

O trabalho de campo foi realizado em sala de aula, cuja dinâmica era incentivar os alunos a um debate em grupos sobre o tema “Aquecimento global”. Logo em seguida foi apresentado o documentário e, finalmente, os alunos foram convidados a participar da pesquisa respondendo a um questionário.

O processo da pesquisa em sala de aula ocorreu em três etapas distintas onde trabalhamos o filme *Uma Verdade Inconveniente*, nesta sequência:

- 1ª etapa – aplicação do questionário em aula sobre o tema Meio Ambiente, para entender qual o nível de conhecimento do público-alvo do assunto e seu envolvimento com ele;
- 2ª etapa – após três semanas da primeira etapa, foi apresentado o filme: *Uma Verdade Inconveniente* e, em seguida, aplicado um outro questionário;
- 3ª etapa – debate em sala de aula com o professor sobre o tema do documentário.

A aplicação do questionário num primeiro momento deu a base para avaliar como o sujeito da pesquisa pensa e age; na segunda parte, foi possível perceber se houve alguma mudança após a exibição do filme em seu comportamento quanto a assuntos como: preservação da natureza, aquecimento global, reciclagem de resíduos sólidos, etc.

E, finalmente, foi, do mesmo modo, possível verificar se ocorreu ou não a sensibilização dos sujeitos da pesquisa para as questões citadas no filme.

O papel de observação direta é explicada por Ludke conforme lemos abaixo:

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar aprender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LUDKE 2004, p. 75)

Com o apoio de Ludke, tivemos por base a observação direta em cada uma das sessões, quando os alunos foram assistindo o documentário e, posteriormente, participando de reflexões e debates sobre o tema com o professor.

1.4.1 Sujeitos da pesquisa em sala de aula

A pesquisa foi realizada na disciplina Linguagem do Som e da Imagem de um curso de Propaganda, Publicidade e Criação; realizada também na matéria de Ética II, para os alunos de Jornalismo. Foi desenvolvida junto aos alunos de duas turmas do 4º

semestre, sendo uma turma do período noturno e outra do período vespertino, totalizando, aproximadamente,, 100 estudantes.

Conforme referido anteriormente os sujeitos participantes da pesquisa não serão identificados por motivos éticos e seus nomes serão substituídos por números.

A nossa experiência em sala de aula permitiu estabelecer dois fatores que justificaram a escolha das turmas:

- a maioria dos alunos, por estarem já no meio do curso de graduação, tem maior facilidade para se concentrar;
- os alunos do curso de Publicidade e Jornalismo, por si sós já apresentam um estado psicológico que permite questionar, investigar e debater.

A opção por realizar a pesquisa com essas turmas deve-se ao fato de sermos docente das disciplinas e à facilidade de acesso às informações que desejamos.

1.4.2 Coleta de dados

Além dos questionários, foram utilizadas informações complementares, obtidas por meio da observação direta dos comportamentos dos sujeitos em sala de aula, durante as discussões em grupo e nos debates.

Com relação ao questionário, Chizzotti (2005, p. 62) explica que:

Consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemáticas e sequencialmente dispostas em itens que consistem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada.

Foram aplicados dois questionários no processo os alunos que participaram dos grupos de trabalho, conforme o modelo que se encontra no Apêndice desta dissertação.

1.4.3 Organização e análise de dados

Os dados coletados foram analisados e em seguida classificados em categorias, de acordo com o que estabelece Bardin que a elas se refere quando diz:

“categorização” é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. BARDIN 1977, p.111)

O mesmo Bardin refere-se à análise de conteúdo como:

[...] Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou qualitativos) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2004, p. 27).

O retorno dos formulários no processo de pesquisa foi adequado e ocorreram quatro perdas durante o processo, o que nos deu um número de 96 pesquisados em todas as fases.

CAPÍTULO 2

2 SOCIEDADE, CINEMA AMBIENTAL E CINEMA

Neste capítulo interessa-nos investigar de um modo sucinto o universo do cinema ambiental. Nele são citados alguns teóricos cujas opiniões embasarão a utilização de filmes como recurso didático no trato das questões ambientais. Ainda neste capítulo, apresentamos os resultados do mapeamento dos filmes que tratam de questões ambientais e que se encontram à disposição da rede pública de ensino.

2.1 Sociedade

Na medida em que os anos passam, o ser humano procura evoluir, busca alterar o seu *status quo*. Razão mais do que suficiente da necessidade de acompanhar a evolução tecnológica e científica, consequência do saber humano e dos novos modelos de sociedade que nos são impostos a cada momento.

No contexto da sociedade, portanto o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos, conforme prescreve a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, lei 9.394/96: art. 26 § 2º: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”). Com certeza, esse componente permitirá que o cidadão acompanhe a evolução da própria sociedade.

A arte cria e abre caminhos que ampliam o conhecimento do mundo; oferece condições para a expressão do lúdico, do sonoro, do gesto, do movimento, do imaginário. Por seu intermédio, a curiosidade é despertada e estimulada. (Professor Dr. Norberto Stori – palestra em sala).

O fenômeno da globalização, por sua vez, proporciona mudanças tecnológicas, sociais, políticas, econômicas e ambientais que acontecem de maneira extremamente rápida; e dessa forma, a evolução da sociedade cria problemas que o próprio ser humano, às vezes, não consegue solucionar. Esses problemas incluem, por exemplo, a falta de ética e a ausência de responsabilidade pelo planeta Terra.

Séculos atrás, o aparecimento das indústrias gerou empregos; todavia, trouxe consigo a poluição. A evolução tecnológica do parque fabril pode ter reduzido a poluição, mas gerou uma multidão de desempregados. Desse fenômeno socioeconômico nascem dúvidas de como agir e de como se adequar a um novo modelo social e econômico que nos é apresentado, numa simbiose de tecnologia limpa, geração de empregos e justa distribuição da riqueza produzida.

Acompanhamos o desenvolvimento mundial onde economias crescem dia após dia. A cada semana, o petróleo bate um novo *record* no preço; vemos alguns dados importantes e preocupantes da sociedade nesses últimos anos. Por essa razão, é importante estar a par do que se passa na sociedade e obter o maior número de informação possível. Na medida em que essas informações chegam ao nosso conhecimento, maior a possibilidade de trabalhar com elas junto à comunidade, e maior ainda a facilidade e a chance de obter os melhores resultados quanto à mudanças de comportamento.

Com o mundo globalizado, várias ações têm sido tomadas pelos governos e também pela iniciativa privada. Vemos, por exemplo, o documento chamado *Agenda 21*, que consiste num amplo conjunto de recomendações e sugestões sobre o modo como os países devem agir para desenvolver de maneira sustentável em termos ambientais em suas regiões e de auxílio para implementar essas ações. Esse documento

foi um dos principais resultados de Conferência das Nações, sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco-92, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro em 1992. É um tratado que estabelece a importância de cada país se comprometer a refletir sobre questões ambientais de forma local e global. E, a partir dessa reflexão, cada setor da sociedade, seja governo, sejam ONGs ou empresas privadas, cooperarem entre si para realizar ações para a preservação do meio ambiente.

A própria cidade de São Paulo tem a sua própria Agenda 21 elaborada pela Prefeitura. No site: <http://www.ambiente.sp.gov.br/> pode-se acompanhar e verificar a atuação do governo estadual e sua preocupação, inclusive com coleta seletiva de lixo, de pilhas, pneus, etc.

Na *Agenda 21* de São Paulo os tópicos de atuação são separados da seguinte forma: indicadores socioeconômicos, energia, transporte, consumo sustentável. Esta é uma amostra inequívoca da necessidade da preocupação com temas de meio ambiente.

Sabemos que somente o Estado de São Paulo produz 105.582 toneladas de lixo por dia; motivo mais que suficiente para constatar o quanto é importante estar atentos ao contexto ambiental. Desse volume, 58% têm destinação inadequada (IBGE, 2004), 30% são materiais não orgânicos, tendo assim seu período de decomposição muito longo.

O ser humano caminha incessante na busca de melhoria de qualidade de vida, mas não percebe que está provocando a sua própria destruição, quando essa qualidade de vida é feita às custas dos recursos naturais irracionalmente explorados e seus resíduos cada vez mais volumosos, não reaproveitados como deveriam, e inadequadamente depositados.

As novas tecnologias das comunicações nos proporcionam a tão falada globalização. Esta, por sua vez, nos coloca diante de um novo mundo; e com esse novo

mundo, novos paradigmas vêm cercar-nos e impor importantes tomadas de decisões. Se essas decisões são corretas, muitas vezes, no entanto, ainda não possuímos uma base teórica, ou experimental para quebrar esses paradigmas impostos por essa nova realidade globalizada.

Nesse cenário de indefinições, o ser humano continua a buscar, sim, o desenvolvimento, e cada vez mais o fará. Nele, todavia, vemos um pequeno movimento de mercado cuja “militância” começa a ser “incômoda” na sociedade de consumo. A esse movimento dá-se o nome de “consumidor verde”.

Consumidor verde é aquele que, na sociedade de consumo, procura alternativas para adquirir produtos cuja elaboração se baseia em princípios de maior respeito à natureza, ou que tenham um mínimo de impacto possível no meio ambiente.

A partir dos anos 1990, grandes mudanças quanto ao modo de pensar e agir da sociedade vêm acontecendo: Embora envolva uma pequena parcela, o número de pessoas engajadas vem crescendo e, com certeza - para o bem do planeta - que este número continue a aumentar a cada dia.

Esse novo tipo de tomada de consciência se serve de diferentes instrumentos; neles se enquadram vários meios da comunicação que tem sido utilizados nos últimos anos. Um desses meios será o objeto de pesquisa deste trabalho. Estamos querendo nos referir ao cinema ambiental.

2.2 Cinema Ambiental no Brasil

A esse propósito, recentemente, por exemplo, contamos com a 8ª edição do Festival Internacional de Cinema Ambiental (FICA), um evento que traz para a prática e consolida a parceria da cultura do nosso país com o ativismo social. Esse festival contou

com, aproximadamente, 200 mil pessoas nas apresentações de curtas e longas-metragens no ano de 2006.



Figura 1 – Página da internet com a divulgação do FICA – Festival Internacional de Cinema Ambiental

Fonte: http://www.fica.art.br/ultimasnoticias_023.php

O intuito desse acontecimento foi justamente fazer com que a população, através do cinema, recebesse mais informações significativas sobre questões ambientais, e assim pudesse conscientizar-se da necessidade de mudança de posturas e atitudes quanto à preservação do meio ambiente.

Se 200 mil pessoas estiveram presentes no ano de 2006, percebemos, entretanto, que o número é muito pequeno diante dos milhões de habitantes do Brasil. O fato de o festival ter sido realizado em Goiânia (GO), talvez tenha restringido a participação, não tendo, assim, espaço nas agendas culturais de outras capitais de nosso país.

Nessa oportunidade, foram veiculados alguns documentários importantes, entre os quais citaremos como exemplo: aquele que conta a história da colonização japonesa na região do Vale do Ribeira e no sudoeste paulista. Documentário produzido pela ONG Ecofalante.

Outro destaque foi a série televisiva *Memórias do Meio Ambiente*, de Anna Terra e Ricardo Carvalho. Essa série destaca a vida e a obra de dez notáveis ambientalistas do Brasil.

Ainda nesse evento de 2007, verificou-se a participação de vários países, entre eles, a Alemanha, ganhador de melhor curta-metragem, com a produção “*100% algodão – Made in Índia*”, de Inge Altemeier que denuncia o uso de agrotóxicos banidos dos países ricos e aplicados nas lavouras indianas de algodão.

O melhor média-metragem foi *La Loi de la Jungle* (A lei da Selva), da França, dirigido por Philippe Lafaix, um registro da guerra silenciosa travada na Guiana Francesa.

E o vencedor do longa-metragem foi *Life Running out of Control* (Vida seguindo fora de controle), dos alemães Bertram Verhaag e Gabriele Krober. O filme tratou do impacto do comércio das sementes geneticamente modificadas sobre o mercado mundial de alimentos.

Esse grande festival que temos em nosso país mostra que o cinema não é necessariamente apenas um instrumento de diversão; ele é também um meio muito importante para educar, um recurso com o qual podemos conscientizar e fazer com que haja mudança de comportamento e de postura diante da natureza por parte das pessoas que não sabem – mas precisam - respeitar a fonte de vida da humanidade.

Além desse festival dos ambientalistas e que é o mais conhecido, temos a oportunidade de acompanhar o interesse da própria sociedade quanto se trata de assuntos relativos ao meio ambiente.

Um outro ponto muito expressivo no FICA foi a presença do IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, do Ministério do Meio Ambiente, que apoiou o evento, enviando técnicos para debates e informação ao público.

Outra participação sempre marcante foi o da Coordenação Geral de Educação Ambiental que apresentou em mesa-redonda o tema: Cinema e Educação Ambiental. Esse evento foi significativo por ter contado com a participação de ambientalistas, jornalistas e representantes das secretarias de educação e universidade de Goiás.

Uma das principais conclusões dos debates foi deixar claro que o cinema, o vídeo ou a televisão eram instrumentos importantes para despertar, instigar, conscientizar a sociedade no que diz respeito às questões ambientais, pois desperta ou amplia a percepção dos indivíduos.

É oportuno registrar também que esse evento contou com uma reportagem específica sobre o tema e que pode ser acessada no seguinte no *link*:

<http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0.,GIM699358-7823-CINEMA+AMBIENTAL,00.html>

Independentemente de eventos pontuais dessa natureza, temos já canais de televisão com programas diários onde o assunto meio ambiente é discutido, tanto em canais abertos como em canais fechados.

Em se tratando da importância da cinematografia, nosso estudo dá um destaque específico ao cinema ambiental. O cinema ambiental conta com várias inserções e

atividades realizadas pela FICA e por outras organizações, por isso, tem sido responsável por um respeitável aumento de pessoas que se interessam pelo agora tão falado cinema “verde”.

Um outro acontecimento significativo no mundo do cinema ambiental é o Festcine Amazonia; ilustrado na sequência de fotos abaixo.



Figura 2 – Página na internet com a divulgação do Festcine Amazônia

Fonte: <http://www.cineamazonia.com/>



Figura 3 – Platéia do Festcine Amazônia

Fonte: <http://www.cineamazonia.com/>



Figura 4 – Platéia do Festcine Amazônia

Fonte: <http://www.cineamazonia.com/>



Figura 5 – Platéia do Festcine Amazônia

Fonte: <http://www.cineamazonia.com/>

Esse festival se desenvolve num período de tempo mais curto, mas tem contado com um número cada vez maior de participantes. Sua 5ª edição aconteceu no mês de novembro de 2007, na cidade de Porto Velho (RO). O objetivo continua ser a divulgação do tema de meio ambiente, promovendo discussões e integrando os participantes. Tenta, desse modo, levar mais informação para conscientizar a sociedade. Já em 2003, em sua 1ª edição, superou todas as expectativas, uma vez que o público presente compareceu e participou ativamente das mesas de discussão e sessões dos filmes.

Assim, o cinema ambiental, além do aspecto social, traz incutido em suas falas e imagens todo um contexto histórico, evolutivo e de re-educação.

Não restam dúvidas, cremos que o gênero cinematográfico, embora caminhando em curtos passos, já pode ser considerado um “segmento de mercado”, na medida em que tem crescido, ano após ano, com o Festival Internacional de Cinema Ambiental e mesmo com inserções de documentários, desenhos e curtas-metragem em circuito comercial.

No registro histórico no Brasil desse meio de comunicação, podemos incluir o próprio FICA, que, em 1999, deu sua primeira contribuição para a sociedade; hoje, é o maior festival de cinema ambiental. Desde essa primeira realização, a adesão foi marcante, já que 154 obras foram escritas de 17 países e, dentre esses, 37 obras foram selecionadas para exibição no festival, representando os seguintes países: Brasil, EUA, Argentina, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, entre outros. A partir desse acontecimento, o cinema ambiental passou a fazer parte da agenda cultural de Goiás.

Ao lado dessas iniciativas, podemos acompanhar o desenvolvimento de projetos de sucesso realizados por empresas, com o apoio do próprio governo.

No setor empresarial, por exemplo, vemos a instituição Unibanco que existe há 80 anos, mas somente agora investindo em educação ambiental, desenvolvendo salas de cinema de maneira produtiva, levando informação a toda sociedade.

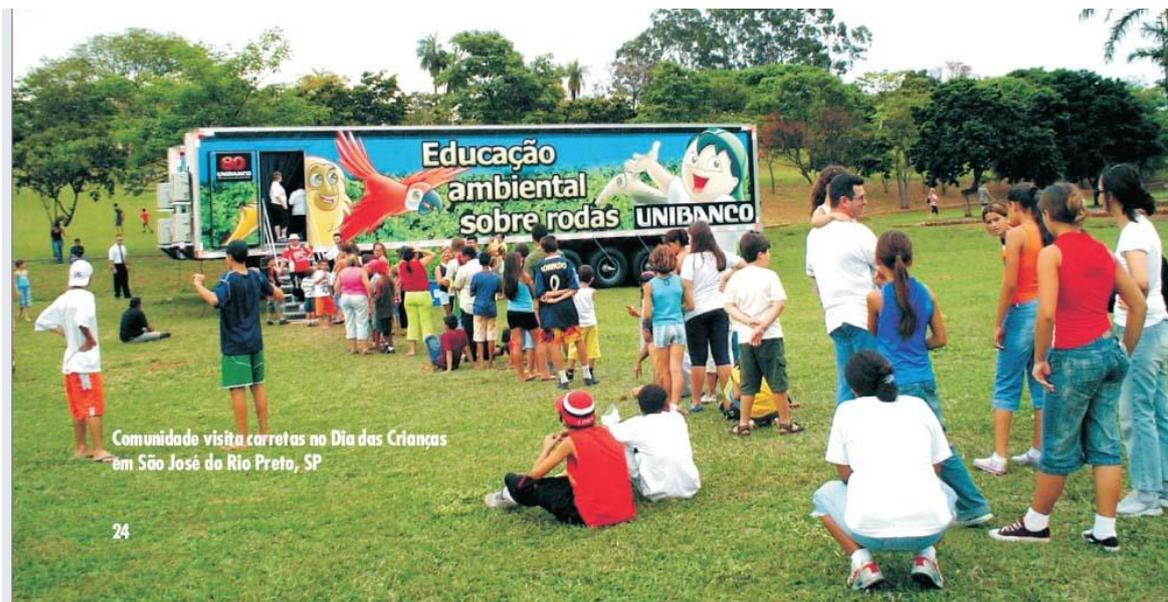


Figura 6 – Caminhão do Unibanco que é utilizado para educação ambiental

Fonte: Site Unibanco WWW.unibanco.com.br

Outra manifestação muito sugestiva é o Cine Eco. Esse festival internacional de cinema e vídeo ambiente que acontece em Portugal na cidade de Seia; É uma iniciativa de divulgação de filmes com temática ambiental. Em sua 13ª edição reuniu 59 filmes, também com o intuito de promover valores culturais, incluindo neles os valores ecológicos; procura, desse modo, contribuir para a mudança de postura da população frente ao problema da preservação da natureza.

Destaque especial merece o documentário *A Marcha dos Pingüins*, do diretor Luc Jacquet. Seu lançamento fez extraordinário sucesso por onde passou e foi vencedor do *Oscar* de melhor documentário.

Esse é o exemplo de plena receptividade do cinema que apresenta temas ambientais, uma vez que despertou grande interesse por parte da sociedade. A partir desse *feedback*, a indústria cinematográfica tem começado a investir grandes somas na produção de outros documentários com as mesmas características ambientais.

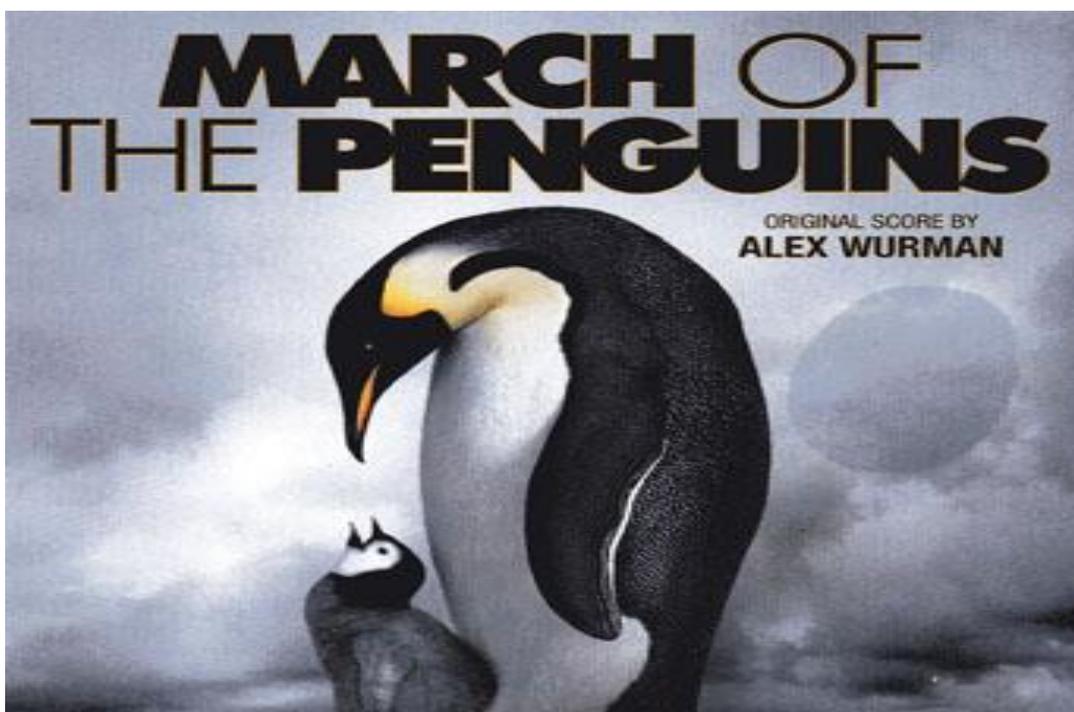


Figura 7 – Pôster do documentário *A Marcha dos Pingüins*

Fonte: http://www.royerlabs.com/photos/session_photos/alex_wurman/march-cover.jpg

Entendemos assim, então, que este é o momento em que a “história” do cinema ambiental no Brasil e conceituosas produções cinematográficas conquistaram grandes

públicos. É uma nova realidade, dando a entender que o interesse da população tem aumentado conforme o passar dos anos.

A aceitação de filmes e documentários relacionados com temas ambientais no Brasil tem crescido, na medida em que o seu conteúdo tem sido discutido amplamente na mídia de grande alcance popular (televisão, jornal, revista). Então, o conceito de meio ambiente, sendo amplamente difundido, traz como consequência a curiosidade da população e até mesmo o engajamento da sociedade na luta pela proteção ambiental.

Com o desenvolvimento crescente que vem ocorrendo a cada ano, pode-se concluir que esse tipo de recurso, embora novo no seu conteúdo, gera interesse, sensibiliza e pode facilitar mudanças de comportamento e postura; através dele, as pessoas se conscientizam a respeito dos problemas que estão ocorrendo no planeta Terra e se empenham em colaborar com a preservação das suas riquezas naturais.

2.3 Cinema

O cinema, com sua tecnologia e imagens, é capaz de nos dar sensação de estar em lugares inimagináveis. Este é um dos motivos pelos quais esta pesquisa apoia-se na observação cada vez maior desse recurso, como veículo voltado para filmes ambientais, igualmente difundidos na televisão brasileira. A princípio, tais filmes têm um caráter de entretenimento; porém, vêm sendo apresentado aos jovens também no contexto escolar por professores de diferentes áreas; trata-se de uma tentativa de formar a opinião dessa geração e introduzir valores culturais para a consolidação do ensino. Todavia, interessa-me investigar se, de fato, o seu emprego no âmbito do ensino atinge o objetivo do professor ou, ao contrário, o espaço do “cinema na escola” torna-se local para recreação e gerador de indisciplina.

Os irmãos Louis (1864-1948) e Auguste (1861-1954) Lumière, inventores da cinematografia, provavelmente não tinham consciência do meio de expressão tão importante que criaram. De seu invento, chegaram a dizer que era uma invenção sem futuro. Mas Georges Méliès (1861-1938), no final do século XIX, percebeu sua potencialidade e deu-lhe uma nova dimensão. O importante é saber que, se os Lumière inventaram uma máquina para registrar em celulóide a realidade, Méliès inventou uma nova maneira de usar a máquina: contar histórias, fazer espetáculos. Desse modo, abriu portas para muitos outros indivíduos que transformaram o cinema no que temos agora. Um excelente recurso para transmitir mensagens. Abaixo temos algumas fotos e figuras retratando o trabalho dos irmãos Lumière.



Figura 8 – Equipe dos irmãos Lumière



Figura 9 – Telas de personagens Lumière

Fonte: La vie en Couleurs – Centenaire de l’autochrome Lumière – 1904 – 2004 – exposição realizada de 25 de junho a 05 de novembro de 2004



Figura 10 – Pessoas à mesa de refeição



Figura 11 – Paisagem retratada pelos irmãos

Fonte: La vie en Couleurs – Centenaire de l’autochrome Lumière – 1904 - 2004

Méliès criou a trucagem que é um artifício cinematográfico para criar efeitos inesperados. Esse artifício, é um efeito de ampliação ou redução de imagens filmadas. Por um pequeno defeito, sua máquina de filmagem parou; quando voltou a funcionar, ele continuou seu trabalho. Ao ver o filme, percebeu que coisas e pessoas estavam em lugares diferentes. Isso lhe deu a ideia de que poderia fazer surgir e desaparecer objetos, como um ilusionista (aliás, era essa a sua profissão).

Na realidade, a máquina de filmar nada mais é do que uma evolução da máquina fotográfica. Os irmãos Lumière descobriram que uma série de imagens projetadas em uma mesma velocidade, davam a impressão do movimento contínuo. Porém, sabemos que o cinema não capta movimentos, mas imagens fixas. O olho humano recebe-as como se fossem cenas contínuas, pela forma como elas são projetadas, à mesma velocidade do que se passa na realidade.

Vistos hoje, os filmes parecem muito simples; mas quando vamos à história do cinema, também vemos as dificuldades enfrentadas, as trucagens e efeitos especiais usados na época e como eram trabalhosos. Hoje, logicamente, com o avanço da tecnologia, as coisas são muito diferentes; porém, há que se reconhecer que, como tantas invenções, alguém precisou começar de alguma forma para que, depois, o cinema fosse se desenvolvendo e chegasse até os nossos dias com tantos recursos como vemos nos filmes atuais.

A contribuição de D. W. Griffith (1875-1948), considerado o pai da linguagem cinematográfica, foi a montagem: várias cenas, vários planos, imagens tomadas de perto ou de longe, dependendo da necessidade, para que o interesse fosse despertado pelos mais diversos aspectos do filme. A visão geral, maior, onde estão todos os protagonistas e também, quando necessário, cenas que mostram atos individuais e transmitem mais de

perto sentimentos que o filme quer passar. A alternância das cenas, entre muitas dimensões, e planos diferentes, - ora perto, ora longe, ao meio, - veio quebrar a monotonia que a câmera fixa criou. Nos primeiros anos do cinema, ela era o centro da ação, e começou a mudar entre os anos 20 a 30 do século passado. Nessa época, a montagem foi o grande fator de evolução do cinema. Para Griffith, o seu inventor, a montagem era um elemento narrativo; o que ele criou foi um tipo específico de variação de planos. Assegurou, assim, ao cinema, a capacidade de contar uma história, evitando a monotonia; ele pensava especialmente no efeito emocional que a montagem podia causar. Com isso, conseguia envolver o público e dirigir sua atenção e sentimentos para certos aspectos da história. Até hoje, Steven Spielberg (1947-) trabalha dentro da tradição de Griffith, em que a montagem tem sobretudo uma função emocional. Para os russos, entretanto, não é bem assim. Em 1917, na antiga União Soviética, a escola russa passou a ver a montagem como um elemento de significação, isto é, “o que dá sentido às imagens é a maneira como elas se articulam”. Eisenstein (1898-1948), cineasta soviético que se utilizava da montagem dessa forma, tinha como princípio que o importante era que o conjunto do filme formasse um todo e que levasse o espectador a compreender a realidade de maneira racional.

A verdade é que o cinema não para de mudar. Som, cor, estéreo, terceira dimensão, tecnologia 3D, IMAX, sempre estão surgindo novas idéias e inventos, novas técnicas que continuarão a mudar, conforme a tecnologia vai se desenvolvendo. Como todos os inventos, o público logo se desinteressa pelo que existe e exige mais dos inventores. Isso é positivo, na medida em que os filmes vão melhorando sua qualidade e novos recursos vão sendo agregados, tudo para agradar ao público, que se torna mais exigente. Essas mudanças ocorrem porque no cinema, arte e tecnologia andam juntas. Por exemplo, houve um tempo em que os filmes eram mudos, depois foi inventado um

modo de unir som e imagem. A mesma coisa aconteceu com a cor: do preto e branco, evoluiu para o colorido.

O fato é que, quando se estuda a história do cinema, percebe-se que fazer um filme não é tão simples quanto parece ao leigo, àquele que assiste. Para avaliar, também precisamos ter algum conhecimento, ao menos uma noção; veremos, então, o filme com outros olhos e sem preconceitos. Segundo Araújo (1995, p. 17), uma coisa é certa: o cinema é um trabalho de colaboração. São raros os casos de diretores que controlam inteiramente seus roteiros e produção.

Perdemos o interesse por um filme quando vemos que ele repete outros, mesmo que se apresentem com montagens diferentes ou lugares e diálogos diferenciados, mas no fundo, contam a mesma história. Há muitos filmes que estão cheios de convenções ou clichês que já estamos cansados de ver. Se for usado em sala de aula e quisermos chamar a atenção e sensibilizar os alunos, é preciso escolher com paciência e critério o que vamos exibir, pois um filme não é feito de ideias gerais, mas de pequenas ideias, pequenos detalhes que se tornam quase reais pela interpretação dos protagonistas e figurantes.

Antes de ser uma arte, o cinema se distingue por ser um instrumento que capta a realidade e nos permite conhecê-la melhor. A filmagem de uma proposta envolve muitas pessoas, custos elevados e é fator de agregação de muitas artes, como teatro, literatura e pintura. Para que seja uma obra de sucesso, depende de decisões difíceis e que serão marcantes, como, por exemplo, o gênero, a quantidade de locais, o custo, como são os personagens, sua natureza, o figurino, etc. Chegamos à conclusão de que não existe uma fórmula mágica ou estática para produzir bons espetáculos; os diretores,

atores, roteiristas, conhecem regras, mas as consideram relativas, e as usam conforme sua experiência e maneira de trabalhar.

Dos mais simples aos mais sofisticados, os filmes nos dão várias possibilidades de trabalho escolar. É por isso que a utilização do cinema na educação pode ser aquele recurso a que Almeida se refere:

(...) é importante porque traz para a escola, aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados (...)(ALMEIDA 2001, p. 48)

Deve-se lembrar que o indivíduo nunca vê “cinema”; sempre vê filmes.

Nenhum professor precisa ser especialista em cinema para usar um filme em sala de aula. No entanto, como dissemos, é necessário que ele tenha um mínimo de conhecimentos para que sua aula chegue aos resultados pretendidos.

O professor, quando escolhe um filme, deve pensar na abordagem adequada aos seus objetivos. Por exemplo: as possibilidades técnicas de exibição do filme, são reais? Temos aparelhagem necessária? O que o assunto tem a ver com o currículo ou com as habilidades a serem desenvolvidas? Qual sua relação com os conceitos discutidos em classe? (se já foram discutidos, se são sempre discutidos, se serão discutidos). O enredo é adequado à faixa etária? (no caso, a universidade?)

Para evitar contratempos, embora seja uma coisa simples, é necessário, sim, verificar se há aparelhagem - televisão, vídeo ou DVD - está funcionando perfeitamente; se o horário da exibição é próprio (em função da clareza); se não há

barulho que atrapalhe e, finalmente, se o filme escolhido existe no mercado. Esses problemas, aparentemente insignificantes, podem atrapalhar, e mesmo desfazer todo o planejamento do professor, apenas por ter descuidado de providências essenciais ou fundamentais, apesar da simplicidade de elas serem resolvidas. Esses problemas são mais comuns do que imaginamos. É importante conhecer todas as possibilidades da escola e da sala que será usada, para que nada saia errado no momento da exibição do filme. Planejamento, nesse caso, é a palavra chave. É importante que o filme escolhido tenha algo a transmitir com suas imagens. Esse é o objetivo do filme: além de vozes, ele deve dizer algo através das imagens mostradas, uma vez que elas são a base do cinema. Portanto, a maneira como serão exibidas e trabalhadas pelos personagens, farão dele um bom filme ou um espetáculo medíocre.

A possibilidade de usar o recurso cinematográfico em sala de aula se apresenta com três objetivos: atender aos conteúdos curriculares de diferentes disciplinas; ajudar o trabalho do desenvolvimento de diversas competências e habilidades, como leitura, textos, capacidade narrativa, descritiva, criatividade, etc; e, ainda, adquirir conceitos que estão presentes nos argumentos, nos roteiros e nas situações dos filmes selecionados, que podem ser discutidos e trabalhados.

NAPOLITANO (2005, p. 19), propõe algumas referências para orientar a escolha dos filmes:

- a) Qual o objetivo didático-pedagógico geral da atividade?
- b) Qual o objetivo didático-pedagógico específico do filme?
- c) O filme é adequado à faixa etária e escolar do público-alvo?
- d) O filme pode e deve ser exibido na íntegra ou a atividade se desenvolverá em torno de algumas cenas?

e) O público-alvo já assistiu a algum filme semelhante?

Além dessas referências, o professor precisa estar atento aos valores do público-alvo, para não levar seus alunos a se assustarem ou a se escandalizarem em função de seus princípios morais, religiosos ou culturais. É importante que haja cuidado para que os alunos não se choquem; até para isso o professor deve ter critério para expor determinados assuntos, no momento certo e na hora certa. Na realidade, é preciso conhecer os alunos. Podemos pensar que determinado filme é lento, rápido ou forte para alguma classe; isso, porém, é relativo. Há até adolescentes que preferem filmes lentos; então, só conhecendo os alunos o professor fará a escolha certa. Existe ainda a possibilidade de destacar cenas que interessem, selecionando algumas, para os filmes de assimilação difícil ou que contenham passagens impróprias ou que possam constranger alguns alunos. De igual modo, eles devem ser informados sobre os filmes e estimulados a discutirem e pesquisarem no caso de serem mais lentos. É também possível minimizar o impacto de cenas de cunho sexual, por exemplo, abordando de modo geral o filme e seu objetivo principal.

Nada melhor do que o próprio professor para conhecer seus alunos e saber qual filme usar e como abordar a discussão ou trabalho a ser realizado.

No curso universitário, supõe-se que o aluno já tenha o cinema mais presente em sua vida. Isso porque grande parte dos filmes produzidos são feitos para esse público.

Normalmente, o processo de elaboração do filme começa com uma idéia básica que, em seguida, é levada ao papel; e depois de breve resumo, se chama argumento. Algumas pessoas vão trabalhar, pelo menos duas: roteirista e diretor. É importante notar que nem sempre de um bom argumento sairá um bom roteiro, e de um bom roteiro nem

sempre teremos um bom filme. O contrário também é verdadeiro e o professor precisa estar atento a esse fator. O ideal é que conheça bem o filme que vai ser exibido.

Se levarmos em conta que milhares de cidades não têm uma sala cinematográfica, aliada ao fato de que grande maioria das locadoras de filmes só têm um catálogo de obras de sucesso, não é de se estranhar que o cidadão de classe média e média baixa tenha uma cultura cinematográfica bastante restrita. Diante de tal carência, a escola pode contribuir para a diversificação cultural quando trabalha com filmes de linguagem e épocas diversas e também origens diversas. Para tanto, o professor precisa conhecer um pouco mais a história do cinema e infiltrar-se nesse mundo para localizar obras das quais jamais se esquecerá.

Na verdade, o que veremos na tela é o encontro da realidade com a ilusão, da vida com a fantasia; isso é característico do cinema. Vemos cenas que, muitas vezes, sabemos não serem verdadeiras; mas nos assustamos com elas. Cenas que nos transmitem medo, tristeza ou, ao contrário, alegria, coragem. A verdade é que tanto na época em que foi inventado como hoje, o cinema reconstitui simbolismos e mundo real dentro de nosso universo, e nos transporta para o mundo imaginário. Sua tendência é tornar-se cada vez melhor, já que o próprio público exige isso e o cinema vive também do dinheiro aplicado em sua realização. Também por isso vemos os inúmeros gêneros que existem: documentários, comédias, romances, ficção, para agradar a todos os gostos.

Logicamente, com essa diversificação, o trabalho do professor é, do mesmo modo, facilitado pelas muitas opções que pode encontrar no mercado, supondo-se que esteja interessado em procurar.

Cumpra salientar mais uma vez que o presente estudo não é inédito; ao contrário, muito tem sido falado e discutido sobre o poder que as imagens, de um modo geral, têm de influenciar o público jovem de uma maneira bastante intensiva. Dessa constatação surge a necessidade de discutir sobre como os jovens, impressionados pelas imagens publicitárias e cinematográficas, se comportam diante delas e se tornam alvos infalíveis das campanhas de consumo. Considera-se, assim, que a televisão, a publicidade e os filmes, de um modo geral, estão se transformando em veículos transmissores de códigos de inclusão social, determinando comportamentos e formando costumes.

Dessa feita, é interessante considerar que o grupo de jovens que frequentam a universidade estão expostos aos meios de comunicação de massa e constituem uma classe de consumidores importante no mercado de consumo e na formação de opinião sobre marcas e produtos.

2.4 Meio Ambiente e Cinema como Recursos Educativos na Universidade

Ao olharmos para os dois últimos séculos, vemos o início acelerado do processo da destruição dos recursos naturais, especialmente no século XVIII. Os povos evoluíam, novas descobertas científicas e tecnológicas eram feitas numa progressão inimaginável. Atingimos a Revolução Industrial, um dos pontos de transformação tecnológica.

Por isso cabe neste ponto conceituarmos, mesmo que de forma rápida o termo meio ambiente natural, e meio ambiente urbano.

Dentro destas duas nomenclaturas vivenciadas neste estudo, temos: o meio ambiente natural - engloba o ar, água, solo, subsolo, flora e fauna – que são os aspectos que compõem o planeta Terra; temos também o meio ambiente urbano - construído pelo homem quando transforma a natureza – que são aspectos que mudam de acordo com a

atuação do ser humano. Com esses aspectos definidos podemos avaliar e perceber que a mídia normalmente veicula com mais ênfase o ambiente natural, fazendo com que a sociedade aprecie as grandes florestas, os grandes parques, ecologia, aquecimento global, no entanto não salientam a realidade vivida pelo ser humano do século XXI no meio ambiente urbano. Neste ambiente (urbano) vivemos dia após dia o caos através da poluição do ar, poluição sonora, visual, lixo entulhado pelos cantos da cidade, trânsito e diversos outros aspectos negativos do nosso cotidiano.

Trazendo para a realidade universitária, entendemos que o “alunado” está inserido no ambiente urbano; e assim sendo, não tem vivência no ambiente natural, ou tem pouco contato com ele. Assim, é preciso, dar-se conta que esse ambiente também está degradado.

Nem sempre o aluno está em contato com os problemas ambientais naturais ou urbanos. Ou se tem algum contato, não se dão conta; não estão conscientes.

É aqui que entra o cinema com sua capacidade de “retratar” alguma realidade ruim ou agradável, que existe em termos ambientais. Realidades que, talvez, demorem algum tempo para o aluno conhecer, um filme tem capacidade para fazê-lo conhecer em questão de horas ou de minutos, tarefa que o professor não pode executar devido às limitações normais da transmissão do conteúdo a ser transmitido. É por isso que o uso no cinema na educação é chamada de “recurso”, “recurso didático”. É uma ajuda muito útil na educação ambiental.

Nos dias atuais varios autores relatam que a Revolução Industrial deu origem ao capitalismo que se expandiu extraordinariamente. Mas, não levou em conta o alto custo socioambiental.

Já falamos e falaremos mais sobre esse assunto em outro capítulo, mas brevemente queremos colocar aqui que a sociedade precisa urgentemente mudar de rumo. No entanto, essa mudança de rumo inclui a construção de uma sociedade livre, justa, democrática; trata-se de uma tarefa muito mais difícil do que se pensa, pois, além de tudo, supõe uma questão que envolve a ética de cada pessoa individualmente.

Nesse horizonte, a educação ambiental se apresenta como uma necessidade e deve ser tratada em todos os níveis de ensino; além do que, precisa ser também vista através de todos os meios de comunicação para que se consiga uma formação íntegra dos indivíduos. Pensando neste aspecto, os seres humanos são convocados a se realinhar com a Terra para que haja um novo despertar social, para que a preservação do meio ambiente seja algo inserido no dia a dia da sociedade.

É urgente educar indivíduos para adquirirem uma consciência crítica que, mediante de ações educativas e inventivas, passam a tratar o planeta com maior responsabilidade. Preocupamo-nos com nossos descendentes? Em que mundo eles viverão?

No campo da educação ambiental, sabemos que existe uma carência qualitativa e quantitativa de formação dos docentes. Muitos professores sequer recebem alguma orientação para trabalhar essa temática. O meio ambiente, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, é tema transversal e precisa ser discutido e trabalhado em sala de aula, em todos os níveis. No entanto, na prática, isso não acontece. Não há professores suficientes, material, dinheiro, tempo, etc. Isso tudo se torna um grande empecilho para implementar a educação ambiental.

Nesse entendimento, a escola deve fazer sua parte, colocando em seu currículo programas e temas relacionados com as questões ambientais e levando-a a sério. Mas,

não somente isso. Cada ser humano precisa acordar (pois o mundo parece estar adormecido) para a realidade em que está vivendo. Pessoas que não pensam no futuro, porque não estarão mais aqui, declaram isso abertamente. Estamos cansados de ouvir que o futuro do planeta Terra está seriamente ameaçado. Nossa parte, como educadores, precisa ser feita com urgência! Além do mais, há necessidade de união de empresas, escolas, ONGs, comunidade e Poder Público para cuidar de maneira séria e dinâmica desse problema, para que a educação ambiental atenda aos ideais do desenvolvimento sustentável.

Na realidade, o homem se esqueceu que ele e o planeta são “um”.

No programa *Fantástico*, da Rede Globo, exibido em 18 de maio de 2008, os repórteres exibiram uma matéria cujo título era: O que está acontecendo com o Planeta Terra? Após mostrarem muitas catástrofes que estão ocorrendo por todo o mundo, chegaram ao final da reportagem com as seguintes conclusões:

1ª.) sem o homem, o planeta mudaria, mas as mudanças não seriam tão drásticas e catastróficas como estão sendo ultimamente;

2ª.) o Planeta tenta sobreviver independente do quê e de como o homem aja.

Esse programa revela a reação da natureza ao que o homem tem feito a ela por tantos anos, devastando florestas, lançando gases na atmosfera, poluindo de todas as maneiras os rios, enfim, destruindo tudo o que compõe a natureza.

Na revista *Gestão Educacional*, de 21 de dezembro de 2007, encontramos algumas sugestões, umas simples, outras não, mas que podem e devem ser utilizadas para ajudar o planeta e que podem servir de temas para a elaboração do cinema ambiental. São estas as sugestões:

1. Reduzir, reutilizar e usar a água de maneira racional.
2. Reduzir o consumo de energia elétrica, trocando as lâmpadas comuns por fluorescentes.
3. Reduzir o consumo de resíduos inúteis, tais como sacos plásticos, embalagens de PET e outros.
4. Separar os resíduos: plásticos, vidros, papel, orgânico, para facilitar o processo de reciclagem.
5. Utilizar produtos de limpeza biodegradáveis.
6. Cultivar espécies adequadas de plantas que proporcionem um ambiente aconchegante, arejado e harmônico.

Já dissemos que o cinema é antigo. Sua primeira apresentação deu-se em 1895. Até aí, seus inventores não imaginavam como seria grande a sua influência. O primeiro filme não passava de insignificantes dois minutos. Na França, por volta de 1911, o cinema foi lançado na universidade. Mas, com a guerra mundial de 1914 a 1918, seu avanço foi prejudicado. Em 1916, foi criada uma comissão para avaliar e colocar em prática o cinema educativo. Só em 1928 inaugurou-se o Instituto Internacional de Cinema na Itália, com a finalidade de favorecer e ajudar na formação de um conjunto de filmes educativos, para servir às nações. A ideia principal era expandir o cinema educativo, inclusive promovendo um intercâmbio de filmes com outras nações e estados, para torná-lo um valioso auxiliar dos educadores. Em 1929, esse Instituto lançou a *Revista Cinematográfica*, editada em cinco idiomas. Foi uma publicação consagrada especialmente ao cinema, e que desenvolvia aspectos científicos, artísticos, sociais e técnicos. Cada uma delas foi um rico material de informação para o estudo do cinema educativo daquela época.

No Brasil, alguns poucos órgãos do governo tentaram produzir oficialmente filmes didáticos. No entanto, os raros que foram produzidos não se comparavam à qualidade das películas estrangeiras. O cinema educativo em nosso país não teve uma organização sistemática e planejada. Na realidade, faltava muito para que os filmes fossem utilizados em sala de aula, pois havia (e ainda há) muitos problemas que citaremos adiante.

Nos livros didáticos, ou naqueles que tratam do processo ensino-aprendizagem, e outros mais, encontramos de forma muito tímida sugestões para usar filmes na escola. Por outro lado também, o profissional da educação, não tendo amplo conhecimento do cinema, terá grande dificuldade em encontrar sempre o produto (filme) necessário para aplicar aos seus ensinamentos. De igual modo, até bem pouco tempo, as dificuldades eram de ordem financeira. Poucas escolas dispunham de aparelhagem suficiente para o uso em salas de aula, não atendendo às necessidades de todos os professores ao mesmo tempo. Além disso, hoje temos o problema do VHS, pois nossos filmes mais novos já são todos em DVD, enquanto que grande maioria dos filmes conhecidos ainda são no formato VHS. Mesmo que projetos existam (tanto de iniciativa privada, quanto de iniciativa governamental) para transformar o filme de VHS para DVD, o custo deste procedimento ainda é alto. São as novas tecnologias chegando, tomando seu lugar. Nem sempre as escolas podem acompanhar essas mudanças na medida necessária. No entanto, embora seja um velho recurso do qual dispomos, mas tão pouco usado, ele pode ajudar muito no processo ensino-aprendizagem.

Em qualquer tipo de abordagem educativa, seja ela tradicional, seja moderna, o cinema terá lugar; quando usado com cuidado e preparo, será elemento positivo na educação.

Devemos levar em conta alguns referenciais, para que a aprendizagem ocorra. E aqui registramos algumas delas para demonstrar a influência dos estímulos sonoros e visuais na aprendizagem.

O cinema e sua influência na educação é um assunto amplo, e há muitas formas de analisar essa influência e utilizar esse recurso. Ele é um fato e coloca problemas para a percepção e o conhecimento, além de intervir de forma sociológica na sociedade. Edgar Morin, assim se expressou: “é do espanto diante do cinema, que nasceram algumas obras das mais ricas dentre as consagradas à sétima arte”, (METZ, p. 16).

Diante de uma apresentação cinematográfica, o espectador vive a *impressão da realidade*. O filme dá a sensação de assistirmos ao real. É essa impressão de realidade que tem o poder de chamar a atenção de multidões pelo que, o cinema sempre conservou um público fiel. Existe, sim, nos filmes, um fascínio e uma relação de proximidade que cativa o público. Entre filmes bons e maus, uma obra se torna fantástica apenas se convencer, pois o irreal aparece como atualizado e apresenta-se com a aparência de um acontecimento, não como uma ilustração. As criaturas do filme *King Kong* foram realizadas em *stop motion*, aí então é que começa, para nós, a ilusão da realidade. Ao contrário da fotografia, que podemos descrever como “um ter sido aqui”, o filme nos leva a um mundo novo, uma nova categoria de tempo-espaço, como “um aqui e agora”. Isso quer dizer que o espectador não apreende um ter-sido-aqui, mas um ser-aqui vivo.

A partir da impressão de realidade mais acentuada ou menos acentuada, dependendo das técnicas empregadas, vemos que o filme carrega em si uma quantidade de indícios dessa realidade. O movimento, como já dissemos, é a maior diferença entre o cinema e as demais artes. O cinema trás um índice de realidade maior e muito mais.

Objetos e personagens aparecem como uma representação, porém com o movimento, aparece realmente. Como o movimento nunca é material, mas sempre visual, reproduzir-lhe a visão é reproduzir a realidade. A impressão de realidade se deve ao frágil grau de existência destas criaturas que se movimentam na tela. O espetáculo cinematográfico se desenvolve num outro mundo. As coisas (cenas) acontecem como se há uma parede invisível, mas intransponível, entre o filme e o espectador. Na verdade, o cinema isola, de modo estanque, a ficção da realidade. Essas impressões são, de certo modo, negativas e bastante criticadas. Se desejamos explicar um forte fenômeno como a impressão da realidade, temos que levar em conta os elementos positivos do filme, um dos quais é a realidade do movimento.

O cinema está localizado entre o teatro e a fotografia. O grau de ilusão de realidade depende, de fato, das condições materiais e técnicas de representação. O filme mantém um equilíbrio precioso: traz elementos suficientes de realidade, e principalmente presença real do movimento, o que resulta numa informação rica e variada, o que já não acontece com outras artes. A ficção pode fornecer uma porção de realidade muito maior no cinema. Ele não é apenas uma reprodução qualquer, do movimento que vimos aparecer, mas o próprio movimento com toda a sua realidade. O segredo do cinema é também colocar na irrealidade da imagem a realidade do movimento. Desta forma, consegue atualizar o imaginário a um grau nunca alcançado.

Nos dias de hoje, observamos que a montagem dos filmes, no cinema moderno, não tem mais o mesmo papel que na época 1925-1930.

A linguagem no filme também é fator importante. Ela tem um modo todo seu de ser e está intimamente ligada à eficiente comunicação dos conteúdos que se deseja

passar. Mesmo do ponto de vista da comunicação, é possível apresentar justificativas da expressão “linguagem cinematográfica”.

Nessa linguagem, pergunta-se: os filmes devem ser longas-metragens (narrativos) ou curtas-metragens, documentários, filmes pedagógicos, publicitários ou outros? Na realidade, depende do que se quer estudar. O cinema tem várias linguagens que podem e devem ser utilizadas. Um fator a ser observado é a hierarquia das importâncias ou urgências metodológicas, que leva a destacar o filme narrativo. É sabido que, logo após a invenção do cinema, havia muita divergência quanto à função social da nova máquina, se processo de registro, arquivo, auxiliar da pesquisa e do ensino das ciências, além de muitas outras. Não se previa que o cinema se tornasse uma máquina de contar histórias, como de fato ocorreu. Tanto é que todos os gêneros, diferentes dos narrativos, como, por exemplo, o documentário, o filme técnico, tornaram-se degraus, enquanto que o longa-metragem (a história contada) mostrava muito claro qual seria a via mais clara e real da expressão fílmica. O encontro do cinema com a narrativa foi um fato histórico e social. É um fato de civilização, que influencia o funcionamento “interno” dos idiomas.

Sabemos que o cinema não era uma “linguagem” específica, mas, antes de ser o cinema como o conhecemos hoje, foi um simples processo de registro, de conservação e de reprodução de espetáculos visuais; enfim, um meio de reprodução. Os pioneiros da “linguagem cinematográfica” pouco se preocupavam com a mensagem simbólica, filosófica ou humana de seus filmes. O que queriam, na realidade, era contar uma história. Não sossegavam enquanto não dominassem o material analógico e contínuo da duplicação gráfica, para produzirem textos narrativos. No entanto, foi Griffith quem precisou e estabilizou (codificou) a função dos processos em relação à narração no filme e os organizou. Entre 1911 e 1915, ele produziu vários filmes que tinham o valor de

experimentos. *O Nascimento de uma Nação*, foi a coroação de suas pesquisas que, apesar de ingênuas, eram sistemáticas e fundamentais.

O estudo do cinema, da expressividade cinematográfica, pode ser conduzido conforme métodos inspirados na linguística.

Não se pode esquecer que o cinema é muito diferente do ponto de vista da fotografia, da qual provém tecnicamente. Na fotografia, temos um decalque perceptivo, sem organização própria. No cinema, um filme é feito com várias fotografias (noção de montagem, com suas consequências) – fotografias essas, cuja maioria apresenta apenas aspectos parciais do referente.

Uma casa, no cinema, será um plano da escada, em seguida das paredes externas, em seguida um plano mais próxima de janela, em seguida uma rápida vista de conjunto do prédio, e assim por diante (METZ, p. 119).

No cinema, o número de imagens realizáveis é indefinido, pois os espetáculos são em si em número ilimitado: podem mudar a iluminação, a distância, a incidência angular, a lente, a trajetória dos movimentos de câmara; a mudança de um desses elementos pode mudar o todo, fazendo aparecer outra imagem.

O padrão dos filmes, no nível de imagem, talvez permaneça fragmentária. Isto acontece porque a criação tem um lugar importante na linguagem cinematográfica, muito mais que na manipulação de idiomas: quando se “fala” uma língua” ela está sendo usada. Na linguagem cinematográfica, “falar” é, até certo ponto, inventar. A linguagem de sinais utilizados na comunicação (semiologia), no caso, o filme, é principalmente um estudo deste. Se a combinação de várias imagens colocadas numa continuidade inteligível nos coloca frente à semiologia do filme, isto é, sua linguagem, podemos observar que nenhuma imagem se parece com outras, e chegamos à conclusão

de que os filmes narrativos são parecidos quanto às suas principais figuras de linguagem que provocam a fusão dos vários elementos nele envolvidos. A narrativa, ao se estabilizar por convenção e repetição no decorrer de fitas inumeráveis, se ajeitou aos poucos em maneiras mais ou menos fixas, e que representam um “estado” de sincronia, não interferindo aí o tempo/lugar em que estão sendo produzidos. No entanto, há de se observar que um filme montado de qualquer jeito não é entendido. Aplicando um pensamento saussuriano (profundo conhecedor e seguidor das idéias de Ferdinand Saussuri (1857-1913), linguista suíço que da base ao estruturalismo), podemos dizer que “a grande linguagem do filme narrativo pode mudar, mas que qualquer um não pode mudá-la de repente”.

A alternância das cenas, ponto alto na montagem dos filmes, define a forma pela qual o filme será exposto. Essa alternância deixa de ser comparativa, mas se torna em uma forma pela qual o espectador pode entender melhor os acontecimentos. Por exemplo: enquanto na tela aparecem homens perseguidos cavalgando, percebe-se que os perseguidores não deixam sua cavalgada, que logo após também é exposta ao espectador. A compreensão desse gênero é relativamente “natural”. A motivação é encontrada ao lado dos mecanismos psicológicos da percepção fílmica. Anne Souriau mostrou que os trechos do tipo “perseguidor-perseguido” são facilmente entendidos sem grande aprendizagem, pois o espectador opera uma “interpolação espontânea”, isto é, através das cenas, ele “adivinha” que a série 1 continua a se desenvolver no enredo, enquanto está vendo a série 2 na tela (*Succession et simultanité dans le film*, p. 59-73, para *L’ univers filmique*. p. 68).

Há diferenças importantes que distinguem a linguística do cinema; não é uma língua, contrariamente ao que muitos teóricos do cinema mudo afirmaram ou sugeriram, mas pode ser considerado como uma linguagem na medida em que ordena elementos

significativos em meio às combinações que faz. Na verdade, o cinema elaborou aos poucos, no decorrer de seu desenvolvimento, alguns elementos de um sistema próprio que ficam dispersos no meio das camadas sem vida da simples duplicação visual.

A época atual parece ter visto o nascimento de um novo cinema, um cinema livre, que nada tem a ver com as regras da “gramática cinematográfica” usadas anteriormente. Ao analisar os filmes de nossa época, temos por finalidade defender aqueles dos quais gostamos, aqueles que podem ser vistos sem tédio. Na realidade, em cada época e em cada arte, a fala viva, por mais diversa que seja, se encontra num único lugar. O cinema não deixou de ser espetáculo, embora possamos tomar a noção de “espetáculo” numa acepção mais psicológica. Qualquer acontecimento visual que vemos e nos torna testemunhas, é um espetáculo. Se o cinema moderno é mais claro do que o cinema antigo e transmite melhor seu conteúdo, não fala mais que ele e a imagem não perdeu sua importância. Os filmes mais novos podem ser apresentações melhores, mas continuam sendo espetáculos.

Se é verdade que o cinema moderno deixou para trás tudo o que era usado anteriormente, o que ele fez foi livrar-se, por exemplo, do *boulevard*, (teatro de comédia artificial) de que os grandes filmes antigos já estavam livres. É bem verdade que alguns dos maiores cineastas de ontem e de hoje, foram homens de teatro. Há uma grande ligação entre teatro e cinema, e não podemos negar que sempre haverá.

Da mesma maneira, não há no cinema nada que corresponda ao que seja o *idioma* para o escritor. Porém, supomos que exista no cinema alguma coisa que, de alguma forma, tenha o mesmo papel que a língua, na literatura. Se compreendermos que a literatura necessita da língua, é porque o *som* vocal não tem significação por si mesmo. O som precisa ser articulado para ter sentido. No entanto, o cineasta não

trabalha com o som vocal e sem sentido. Sua principal matéria é a imagem, no sentido de que ela se repete para dar movimento, proporcionando assim um espetáculo que entendemos como real.

O filme, de maneira extraordinária, comunica muito mais que a linguagem, e alcança o mesmo resultado sem necessidade de código, isto é, sem nenhum código do tipo linguístico verbal.

Mas, a sua compreensão total seria difícil, senão impossível, se não soubéssemos o que cada elemento representa dentro dele. Por exemplo: dentro de um filme, o carro usado é esporte, como aparece nas cenas, pois nós o vemos como ele é; e isto basta para compreender a significação do trecho a que estamos assistindo. Já o mesmo não acontece com o índio, que sempre viveu isolado e sem contato com a civilização, pois para ele, falta a percepção do que é um carro ou outro objeto qualquer que nunca tenha visto.

É também lógico pensarmos que o cinema tenha evoluções normais, como todas as coisas. Mas a sintaxe cinematográfica não foi completamente relegada e continua a ser usada. É claro que há hoje mais liberdade de inspiração poética; porém não se pode confundir essa liberdade com a transmissão correta da informação que, muitas vezes, leva o mesmo nome desde o início da sua invenção (no caso, o cinema).

Atualmente, assistimos a um amplo e complexo movimento de renovação e de enriquecimento no cinema, quando novas figuras aparecem e aumentam as possibilidades de expressão. Dessa forma, o tempo no filme não obedece a uma orientação natural, que constitui o caso mais simples do processo narrativo. A narração não é linear, na sequência habitual e nem mesmo alternado. Há imagens que se alternam, e que não se referem a acontecimentos simultâneos, mas a acontecimentos

sucessivos. Na realidade, os fatos expostos poderiam ser organizados no nível do significado, numa ordem cronológica precisa e única, se esse fosse o desejo do diretor ou do autor. Trata-se de uma espécie de sequências desmembradas, expressando com muita propriedade o desvario, a febre e os imprevistos da existência.

Seria necessário mais tempo e estudo, se quiséssemos explicar como o cinema moderno se tornou mais flexível e se enriqueceu, mostrando as novas conquistas. Além disso, o cinema novo, longe de ter deixado a narração, deu narrações mais diversas, mais desdobradas, mais complexas. Às vezes ouvimos falar em “definhamento da narração”, mas é justamente o contrário o que observamos no momento em que acaba de surgir uma nova geração de narradores. O cineasta “novo” não procura um assunto de filme: ele tem coisas a dizer, ele as diz pelo filme.

Celso Antunes (educador brasileiro, formado em geografia pela USP, mestre em ciências humanas e especialista em inteligência e cognição) trata de alguns conceitos, e sobre memória: uma de curta duração e outra de longa duração. A memória de curta duração funciona no momento em que estamos aprendendo ou ouvindo algo que nos interessa ou não. Na medida em que os assuntos despertam nosso interesse, e que aprendemos realmente, eles passarão para a memória de longa duração e ficarão gravados para sempre. Para que isso aconteça, o aprendiz precisa estar motivado, gostar do que está vendo, ouvindo ou aprendendo. Do contrário, ele vai apagar o que não interessa. A Psicologia nos ajuda nos recursos de ensino, quando diz que “ninguém aprende o que não quer”.

Além do mais, no processo da aprendizagem temos como aliada a música do cinema. Em palestra no II Encontro Nacional de Pastores da IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil), - promovido pelos Seminários Presbiterianos, - o maestro e professor

Parcival Módulo, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, nos disse: “aquilo que aprendemos através da música, está indelevelmente gravado em nossas mentes.- Nunca mais nos esquecemos. Não se iludam: nunca mais vocês se esquecerão de Mamonas Assassinas.(Grupo nacional de música pop que num desastre de avião morreu no auge da carreira e levou milhares de fãs ao cortejo fúnebre). A música, boa ou ruim, tem o poder de penetrar nossas mentes e gravar seus conceitos dentro delas de formas quase inexplicáveis”.

Não é sem motivo que o recurso da música é muito usado pelos professores, principalmente antes dos vestibulares. São inúmeras as fórmulas decoradas através de músicas, para que os alunos não se esqueçam. O ato de aprender torna-se mais fácil através da música. No cinema, a música também tem seu papel, na medida em que deve estar de acordo com a cena apresentada. E, sem dúvida, fará lembrar das cenas, dos diálogos ou dos conceitos aprendidos, quando as ouvimos no lugar certo dentro do filme.

Tony Berchmans, em seu livro *A música do filme*, trás em seu prefácio de Rubens Ewald Filho, o seguinte comentário: (The Birth of a Natiom, 1915).

Nunca existiu o que a gente hoje chama de cinema mudo. Por que não havia cinema sem música, de uma forma ou de outra. Em qualquer projeção pública do antigo cinematógrafo havia sempre uma orquestra ou, no mínimo, um pianista acompanhando a exibição. Tocando música para criar clima romântico nas cenas adequadas e música de ação tipo *cavalaria ligeira* para as cenas de perseguição. Houve até casos de filmes mudos para os quais foram compostos acompanhamentos orquestrais especialmente para eles, como *O nascimento de uma Nação*.

Ewald Filho quer destacar a importância da música como recurso no cinema; ela ajuda a fixar e envolver o indivíduo para motivá-lo e despertar seu interesse e, assim, grava com maior facilidade. É incrível; não há como descrever o poder da música para mover os mais variados sentimentos, fazendo-nos viajar para o filme onde a música é ouvida. Não há dúvida de que há trilhas sonoras (músicas especialmente compostas para determinados filmes) perfeitas, que se enquadram exatamente no filme, como feitos um para o outro. Há os casos contrários, também, trilhas que se tornam em verdadeiro desastre, de tal forma a ter o insucesso e fracasso de bilheteria como resultado.

O autor de *A música do filme* fala com propriedade e autoridade, citando várias obras e suas trilhas sonoras, como, por exemplo; *E o Vento Levou*, *E.T.*, e outros mais, e o impacto que essas músicas causaram não somente em sua pessoa, como também nas demais que assistiram a esses filmes. Ele nos leva a vislumbrar um mundo diferente e revelador, aos nos colocar frente a frente com os compositores, cujas obras são feitas para esta ou aquela cena. A chamada ‘música original do filme’, isto é, aquela composta exatamente para determinado filme, seriado, ou comentário, existe para “tocar” as pessoas. O objetivo é levá-las a sentirem exatamente o que os personagens estão representando e sentindo, como se aquela fosse uma situação real, que estivesse sendo vivida naquele momento, como se o espectador estivesse participando da cena. Ela pode atingir-nos de muitas formas, como emocionar, causar alegria, tristeza, desconforto; pode, enfim, levar a inúmeros sentimentos diferentes. A verdade é que, quando a experiência é vivida com a música, o filme terá um outro valor. Thomas Newman assim se expressou: “mesmo que você particularmente não goste da música, pode reconhecer sua eficácia no filme” (BERCHMANS, 2006, p. 21).

O compositor de uma trilha sonora persegue o objetivo do filme; vai ao encontro das necessidades dos conflitos da história e suas soluções. Ele consegue captar o “a

função” da música no filme. Não há dúvida de que essa é uma difícil decisão. Sidney Lumet, em seu livro *Fazendo Filmes*, diz: “depois do roteirista, os compositores são os mais desrespeitados”. Esse autor faz tal observação porque as músicas são cortadas, picotadas e se tornam muitas vezes, irreconhecíveis. Um bom diretor saberá valorizar o grande poder que tem em mãos, permitindo ao compositor trabalhar de maneira livre e criativa, para tornar a música uma linguagem que ajude a compreender e vivenciar o filme que está sendo visto.

É muito interessante a experiência do grande compositor brasileiro Villa-Lobos. No final de sua carreira, foi convidado a compor para os estúdios MGM de Hollywood, no filme *A flor que não morreu*. Villa-Lobos recebeu o roteiro do filme meses antes, e logo compôs todas as músicas do modo como as imaginava. Chegou a Hollywood com tudo pronto, sem ao menos ver uma cena do filme. Pensava nosso competente compositor que o filme deveria adaptar-se à sua música. Tal expectativa deixou surpreso o compositor Miklos Rozsa, que atuava em Hollywood na época (*A música no filme*, Tony Berchmans, 2006, p.24), diante da inocência do brasileiro, pois ninguém lhe tinha explicado como funcionava a produção musical do cinema. Sua música precisou ser adaptada ao filme, o que causou um tremendo desgosto ao nosso maestro.

Henri Mancini, escreveu Berchmans (2006 p. 25), chegou a afirmar que boa música pode melhorar ainda mais um bom filme, mas não pode transformar um filme ruim em filme bom. “Nós, compositores, - disse ele,- não somos mágicos. Nós escrevemos música”.

Além de “tocar” as pessoas, a música também serve para descrever períodos históricos, quando o compositor usa determinados ritmos e tipos de determinados locais, geograficamente falando. Enfim, a música tem tantas aplicações aos filmes, que seria

impossível descrever todas elas; o certo é que o poder que tem é pouco compreendido por nós, e até por grandes diretores de cinema; porém, sabe-se que, em algumas cenas, a trilha sonora conduz a narrativa, sem haver necessidade de diálogos. Destaca-se também que nos anos de 1950, nas produções de Jack Warner, (um dos fundadores da Warner Bros) havia quantidade excessiva de música, que perdia totalmente o sentido de destacar cenas ou conduzi-las. Ela se tornava um pano de fundo; nada mais.

Sendo assim, entendemos de imediato que o cinema, e sua trilha sonora como recurso didático, podem ajudar muito e de maneira positiva o processo ensino-aprendizagem. Se os alunos podem aprender ouvindo e vendo, poderão aumentar esse potencial para, logo em seguida, realizarem, sob orientação, um trabalho relacionado com o filme assistido. Essa aprendizagem será ainda maior sob o efeito da música que reforça a fixação das cenas e comentários.

Sem dúvida, o cinema é um dos recursos do qual podemos lançar mão para que a escola não seja “uma coisa chata”, como chamado pelo alunado; não precisa ser assim. A escola, e principalmente a sala de aula, podem ser um espaço de prazer e alegria, embora com limites e organização, à medida que proporcionam atividades que facilitam o crescimento ou desenvolvimento do indivíduo em suas várias dimensões.

O conteúdo dos filmes selecionados devem ter um íntimo relacionamento com as experiências, vivências e conhecimentos dos alunos, para que eles sintam-se motivados a participar da vida escolar, deixando de lado seu comportamento passivo.

Por suposto, sempre é bom lembrar que um recurso educativo/uma estratégia de ensino, são meios utilizados para facilitar a aprendizagem, nunca para dificultá-la. Nesse sentido e na medida do possível, quando o conteúdo trata de questões ambientais o ideal é nossos alunos conhecerem os diversos ambientes em que se processam os

ensinamentos que queremos transmitir-lhes. É importante, então, que vez por outra é preciso levá-los a um passeio para conhecerem o meio ambiente, um lugar ambientalmente saudável; ou até levá-los a conhecer um rio poluído ou um depósito de lixo. O contato com a realidade é sempre desejável. No entanto, quando isso não for possível, temos no cinema um instrumento que trás para a sala de aula as imagens reais daquilo que queremos mostrar e ensinar. Então, de uma maneira sintética, temos no cinema: a visão, a audição da fala (que se dá no desenrolar da história), e a audição da música (que ajuda a fixar cenas, diálogos e, por fim conceitos que queremos ensinar). Isso sem contar que se o filme é de boa qualidade, a cena cinematográfica é quase real, principalmente pela sua movimentação.

Naturalmente, o papel do educador é fazer do cinema um meio e não um fim no processo de ensinar. Por isso, a cinematografia deve estar a serviço da educação e não a educação a serviço da cinematografia.

2.5 Educação

A educação, de modo geral é entendida como transmissão de conhecimentos e restrita à escola. Isto porque, normalmente, quando falamos em educação, pensamos num sistema de ensino, desde a pré-escola até a universidade. Esse modo de pensar é verdadeiro, porém de caráter reducionista. Na realidade, não devemos nos esquecer de que o indivíduo passa pelo processo educativo em todas as áreas de sua vida; ele não se educa apenas na escola; todos os ambientes em que vive servem para que ele aprenda, isto é, são espaços onde ele processa seu aprendizado de forma assistemática, acumulando conhecimentos que o ajudarão a ser o que será no dia de amanhã. Sem dúvida, a escola (forma sistemática), desempenha um papel muito importante, juntamente com a família, que é o lugar onde o indivíduo passa mais tempo e, conseqüentemente, onde tem mais oportunidade para aprender e educar-se. A educação

muitas vezes leva o indivíduo a um conflito que é vivido no contexto da escolha individual e democrática que cada um toma a respeito do tipo e da quantidade de educação e treinamento a receber, quando tem esta oportunidade. Infelizmente, em nosso país, sabemos que a realidade mostra que educar não é um exercício tão democrático assim, e que nem todos têm acesso aos níveis mais altos da educação formal.

A preocupação com a educação se perde na história. Nessa trajetória Karl Marx (1818-1883- cientista social, filósofo e revolucionário alemão) por exemplo, tratou a educação de maneira limitada. O debate mais interessante na teoria marxistas talvez seja o papel do Estado, mesmo porque tornar-se-ia difícil separar uma análise dos propósitos do sistema educacional sem levar em conta a influência política, ou seja, governamental, do Estado. Assim, para entendermos a educação formal nos últimos séculos, acabamos por estudar o sistema de governo e vemos que tem sido primariamente uma função do Estado.

Há claras indicações em *O Capital* de que Marx considerava a educação pública como uma vitória da classe trabalhadora, inconsistente com as tentativas dos capitalistas de reduzir o trabalho manual ao seu menor e mais baixo nível intelectual (Marx, 1906, p. 397-400, 436-7).

Na realidade, com o passar do tempo e vários educadores estudando o assunto, surgiram diferentes abordagens. Mizukami (1986, p.57) é pedagoga e atua na área de Metodologia do Ensino. No livro *Ensino: as abordagens do processo*, apresenta concepções diferentes a respeito do processo ensino-aprendizagem. Vejamos algumas:

1) A abordagem tradicional vê a educação como um produto; não se dá ênfase ao processo que leva a esse produto. As idéias seccionadas e organizadas de maneira

lógica são simultaneamente transmitidas. A escola, nesta abordagem, é o lugar onde se realiza a educação que, em sua maior parte se preocupa em transmitir informações em sala de aula. A instituição escolar funciona como uma agência sistematizadora de uma cultura.

Émile Chartier, citado por Alain, 1978, defensor desse modelo tradicional, argumenta que a escola deve ser um ambiente físico austero, para que nada distraia o aluno. O ato de aprender é muito cerimonioso e o professor, a seu ver, deve manter-se longe do aluno. Isso quer dizer que a relação é vertical, do professor para o aluno (o professor é a autoridade intelectual e moral; ele é quem decide, inclusive a metodologia); tem o papel de transmissor de conhecimentos definidos pela escola. Ele traz o conteúdo pronto e o aluno apenas o escuta. Quase não existem possibilidades de cooperação, e cada aluno trabalha individualmente. Ao mesmo tempo, as diferenças entre alunos são ignoradas, pois os métodos são os mesmos para todos. Percebe-se claramente a preocupação com a variedade e a quantidade de noções, conceitos e informações, em detrimento da formação do pensamento reflexivo. Nesse modelo, a aprendizagem é considerada como um fim em si mesmo. Infelizmente, ainda encontramos esse tipo de metodologia em nossas salas de aula.

2) Na abordagem comportamentalista o conhecimento é uma “descoberta” e é nova para o indivíduo que essa descoberta faz. Seus seguidores consideram a experiência como a base do conhecimento; daí tornar-se o conhecimento o resultado das experiências.

Skinner (1968, p.110) é um representante bastante conhecido desse tipo de educação. Suas experiências são analisadas e o comportamento passa a ser modelado. Skinner trabalha com recompensa e controle, partindo da manipulação dos reforços. O

ensino, para ele, é composto de padrões de comportamento, que podem ser mudados através de treinamento, dependendo dos objetivos propostos. Na educação, espera-se do professor que ele possa analisar seu comportamento e modificá-lo, se necessário. A experiência planejada é a base do conhecimento: é o resultado direto da experiência.

Em nenhum momento Skinner preocupou-se com o que ocorria na mente do sujeito durante a aprendizagem, mas sim, com o controle do comportamento observável. O conhecimento é estruturado indutivamente, via experiência. Nesse processo, a educação está ligada à transmissão cultural.

Nessa visão é quase impossível ao estudante descobrir por si mesmo qualquer parte substancial da sabedoria, de sua cultura... (Skinner, 1968, p.110)

A educação tem como função uma mudança de comportamento. Madesen (1975, p.82) afirma ser essa a maneira mais eficiente e efetiva de educar para a liberdade.

Cabe à escola adotar uma forma de controle, de acordo com os comportamentos que pretende instalar, manter e até modificar, para atender aos fins de caráter social, ao mesmo tempo em que atende aos desejos dos que lhe dão poder.

Esse psicólogo americano critica o controle de rejeição feito por algumas escolas, o qual é mais fácil de ser obtido, mas não leva à aprendizagem efetiva. No entanto, reconhece que a escola precisa das agências da sociedade, (ONG's, igrejas, associações de moradores, etc.) tanto quanto estas precisam da escola.

É fácil entender, portanto, que, no modelo comportamentalista, ensinar é responsabilidade do professor e ainda assegurar a aquisição de conhecimento. Esses comportamentos serão mantidos por condicionantes e reforçadores arbitrários, tais como: elogios, graus, notas, prêmios, etc.

Nesse cenário, a metodologia é ampla, inclusive sendo uma delas a individualização do ensino. A avaliação ocorre no final do processo e tem por fim o conhecimento e a verificação dos comportamentos finais desejados.

3) Na abordagem humanista o ensino está centrado na pessoa. Dá ênfase aos relacionamentos, ao desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Nesse processo, o professor dá assistência; é apenas um facilitador da aprendizagem, isto é, constrói condições para que os alunos aprendam. A docência consistirá no “ensino centrado no aluno”. A filosofia da educação democrática, defendida pela abordagem humanista, consiste em deixar a responsabilidade da educação fundamentalmente ao próprio estudante. Em resumo, seria criar condições onde os alunos possam tornar-se pessoas de iniciativa, de responsabilidade, de autodeterminação, de discernimento. Isso tudo quer dizer que ele se tornaria uma pessoa que saiba agir a seu próprio favor e saiba ajudar outros, mas sendo o mesmo indivíduo com suas características próprias.

Pode-se notar que, nesse caso, considera-se a educação como um processo envolvente; nele, o sujeito sempre tem de ocupar posição central, e ainda construir uma postura crítica diante da sociedade atual, que cada vez mais coloca situações de confronto que impedem a auto-realização.

A escola humanista respeita o educando como ele é, e dá condições para seu desenvolvimento no processo de vir a ser. É uma escola que cria condições que ofereçam a autonomia do aluno. Ela deve levar a pessoa à sua própria experiência para estruturar-se e agir. Esse é o princípio da não-diretividade.

A não-diretividade pretende ser um método não estruturante do processo de aprendizagem; por ele, o professor se abstém de intervir diretamente no campo cognitivo e afetivo do aluno, introduzindo valores, objetivos, etc., constitui apenas num

método informante do processo de aprendizagem do aluno, pelo qual o docente não dirige propriamente esse processo, mas tão somente se limita a facilitar a comunicação do estudante consigo mesmo, para ele mesmo estruturar seu comportamento experiencial. (Puente, 1978, p.73)

Nessa abordagem, a aprendizagem é significativa. Isso quer dizer que ela faz sentido para o aluno, e ele tem prazer em aprender. Além disso, cada professor terá suas próprias estratégias de ensino, sua forma única, pois não é possível ensinar-lhe um repertório de estratégias. Assim, o aluno aprenderá na medida em que se inter-relaciona com o mestre, que é pessoal e único. O professor é um facilitador; deve ser autêntico e integrado.

Nessa proposta, as estratégias têm importância secundária. Cada educador eficiente desenvolve seu próprio estilo para facilitar a aprendizagem dos alunos. A padronização é desprezada nesta abordagem. Há, inclusive, a defesa da auto avaliação.

4) Mais atual, a abordagem sociocultural, defendida por Paulo Freire e conhecida em muitos países, preocupa-se com a cultura popular. Segundo ele, o homem é o elaborador e criador do conhecimento; portanto, a abordagem pedagógica enfatiza o sujeito da aprendizagem. Para ele, a cultura constitui a aquisição sistemática da experiência humana crítica e criadora; não apenas o armazenamento de informações.

Para esse conhecido educador, a educação não está restrita à escola com seus aspectos formais. Em sua perspectiva, a escola é um espaço onde aluno e professor crescem juntos, num processo de recíproca conscientização, o que implica uma escola bem diferente da que temos nos dias atuais. Em seu livro *Cuidado, Escola* (Harper *et al*, 1980), Freire diz que o processo ensino-aprendizagem deve usar uma pedagogia que faça da opressão o objeto de sua reflexão, para que o homem se engaje na luta por sua

libertação. É uma prática transformadora, mas que, ao mesmo tempo, procurará valorizar a cultura do aluno, propiciando que cada um avalie seu contexto e continue a produzir sua cultura.

Após as reflexões em torno dessas quatro abordagens, pode-se concluir que, na realidade, a aplicação do conceito educacional mudam no tempo e no espaço. O que é educação para nós, brasileiros, pode não ser para outros povos, ou até mesmo para brasileiros de outros estados. De qualquer maneira, esses exemplos de conceitos aqui apresentados são suficientes para o que se pretende refletir sobre o nosso tema.

Uma coisa, porém, é certa: vemos claramente que, se as abordagens citadas eram centradas no aluno ou no professor, no ensino ou na aprendizagem, hoje a posição é outra. Em nossos dias trabalha-se com a dupla aluno-professor, formando uma parceria no processo de ensinar e de aprender.

No contexto do nosso estudo sobre a aplicação do filme em sala de aula, já dissemos que o educador/professor não precisa ser um crítico de cinema. Não queremos dizer que ele deve ser um crítico profissional, mas que as críticas dos profissionais sempre serão informações que ele puder buscar.

Desta forma, o educador pode, de maneira simples, adequar-se a modelos para aquisição de maior subsídio crítico para atuar com a arte cinematográfica em sala. Se não precisa ser crítico profissional, é importante que ele adquira alguma noção ou busque informações daqueles que se dedicam ao cinema, para ser bem sucedido. Há várias formas de o professor adquirir um senso crítico:

1. A formalista: baseia-se na comparação do filme à arte figurativa. Essa crítica coloca como primeiro requisito a apreciação das qualidades da pintura e de composição da representação no filme.

2. A conteudista: tem o olhar no conteúdo, que deve ser realista, ou seja, espelhar a realidade. O filme será bom se trazer conteúdos certos, tratados com cuidado e argumentação convincente.
3. A psicologista: olha para o aspecto interior, isto é, a realidade psicológica dos personagens.
4. A sociológica: é utilizada para observar o que acontece “fora” do filme, ou seja, a reação do público.
5. A psicanalítica: esse tipo de crítica (baseada no pensamento de Freud), olha o ser do autor e como ele manifesta o que sente.
6. A estruturalista: procura descobrir o segredo do filme e as relações entre diversos personagens e situações.
7. A textual: vê cada texto em relação a todos os outros do filme.

Há críticos que misturam um pouco de cada tipo de crítica. Mas, o mais importante é que o educador se torne crítico e se pergunte se os elementos do filme estão bem integrados e manipulados pelo diretor, para que se obtenham os efeitos esperados.

Quando olhamos para o cinema do ponto de vista da educação, temos certeza de que ele não diminui a importância da projeção fixa ou das gravuras, pois dependendo do caso, este método é até preferível. O que as cenas fixas não mostram são os movimentos, a realidade, os aspectos dinâmicos dos seres e objetos.

Há casos em que a visão direta das coisas, ou mesmo as excursões a lugares interessantes, não dispensam o filme. Serrano (1930, p. 133), em seu livro já referido *Cinema e Educação* diz: “ Quem pode, no Brasil, ter idéia exata do Niágara ? Mesmo indo a Nápoles, quem pode ter uma sessão especial do Vesúvio, em hora combinada,

para ser observado? Quem dispõe de sentidos capazes de observar um movimento decomposto, graças aos processos de retardamento que a câmara lenta proporciona?”

O cinema, com seus truques, o trabalho de câmaras em várias posições e recursos que lhe são próprios, permite ver e apreciar objetos e lugares que não poderiam ser vistos ou apreciados, mesmo estando diante deles.

O cinema escolar deve estar adequado ao que se propõe a escola, isto é, educar. Mais uma vez lembramos as dificuldades que representa a carência de recursos didáticos (filmes) ligados especificamente à educação, diante do grande acervo cinematográfico existente.

Quanto aos filmes educativos, é necessário destacar: como pode um diretor ou cineasta preparar um filme educativo sem ter noções da pedagogia, da metodologia e didática, tão necessárias à sua execução? O contrário também é verdadeiro: um professor que não tem um mínimo entendimento de cinema, não tem como trabalhar um filme em sala de aula. É necessário que esses dois elementos trabalhem juntos, cada um colaborando com a área que domina.

Outra necessidade é que o governo, - como tem feito com parcerias com a iniciativa privada, ONGs, ou outras instituições -, organize uma Cinemateca Nacional especificamente para a escola.

A imprensa, a televisão, e outros meios de comunicação de massa, têm papel importante na divulgação do cinema, principalmente quando voltado para a educação. As revistas educativas também, na medida em que podem sugerir atividades e fazer comentários oportunos sobre a exibição de filmes em sala de aula.

Sendo assim, entendemos que o cinema precisa tornar-se a cada ano um instrumento utilizado nas escolas de forma mais adequada e mais frequente, pois esta tecnologia pode contribuir sobremaneira no aprendizado do alunado.

O cinema ou os filmes nunca tornam o espectador indiferente: ele ensina,- bem ou mal,- educa ou deseduca. Sempre exerce sua força, de uma forma ou de outra.

Diante dessa força, o professor, ao servir-se desse recurso deve colocá-lo no planejamento geral e escolher aqueles que têm conteúdos e conceitos apropriados para desenvolver as habilidades e competências do aluno. Se o uso for sistemático, isso implica articulação dos filmes entre si e articulação do professor, sobretudo quando se tem o objetivo de analisá-lo. Muitas vezes, o educador sentirá a necessidade de preparar a classe; então a escolha estará voltada para os interesses da disciplina, devendo-se também levar em conta a cultura geral e audiovisual, que o filme apresenta, assim como o lugar que tem na história e no cinema. Toda e qualquer informação sobre ele poderá ser útil, pois torna mais interessante o trabalho da docência. Uma boa estratégia consiste em selecionar filmes de assimilação mais fácil no início do ano, num crescendo, para, no final do ano apresentar filmes de linguagem mais refinada e conteúdo mais difícil. Conhecer o gosto dos alunos através de perguntas simples pode levar o professor a avançar ou preparar-se para outras ocasiões, sempre tendo em vista o aprendizado de cada um.

Para otimizar o trabalho com filmes, deve-se ampliar a metodologia do ensino, ou seja, não se restringir apenas à análises ou aos debates, mas acrescentar outras atividades que tornarão o aprendizado mais interessante. Hoje, quase todos os alunos têm em casa uma TV e um vídeo ou DVD; isso facilita uma maior aproximação ao filme, da qual pode resultar em um relatório escrito para ser entregue ao professor. Se

essa tarefa for programada, ele irá verificar se todos os alunos têm acesso ao filme, se as locadoras possuem cópias suficientes para realizar o trabalho. Se, porém, nem todos tem condições, é necessário projetá-lo em sala de aula. Há professores que fazem opção por exibir algumas cenas dos filmes; quando isso acontecer, a classe deve ser preparada quanto ao conteúdo, mesmo que seja através de um breve resumo. Então, chegamos à conclusão de que podemos trabalhar de três formas com os filmes: exibição em aula, exibição em casa, ou exibição de algumas cenas apenas.

É ainda importante elaborar um roteiro para a análise do filme. Esse roteiro servirá apenas para estabelecer parâmetros, com base nos objetivos, e não limitar a criatividade dos alunos ou tornar a atividade desagradável. Ele deve conter pelo menos: ficha técnica (nome do diretor, nacionalidade, ano de produção, nome dos atores e outras informações que sejam necessárias), gênero e tema central; sinopse da história, lista dos personagens principais, suas características e seu lugar dentro do filme. O professor também pode dirigir os alunos por meio de perguntas que facilitarão a análise, direcionando o aluno na realização do seu trabalho.

As possíveis entrevistas com diretor e atores, a leitura de críticas de jornais e de outros documentos enriquecem sobremaneira a atividade, tanto para o aluno quanto para o professor. Se o trabalho for realizado em grupos, comparar os resultados na hora da discussão. Comparar o filme com outras formas de comunicação, como textos ou documentos em outra linguagem sobre o mesmo tema, enriquecerá também a atividade e será útil, principalmente ao focalizar o tema sob uma visão interdisciplinar. O cinema tem a seu favor uma linguagem convincente e um poder de sedução muito grande. Se nessa hora for feita uma comparação com outras fontes, essa atividade se tornará extremamente importante, uma vez que o filme pode ser assimilado como verdade em sua totalidade. Se a comparação não for feita, a análise deve levar em conta as

diferentes opiniões e formas de aprendizagem, do filme e dos conceitos e conteúdos envolvidos.

É interessante notar os filmes coloridos. Logo que eles surgiram, não foram aceitos pelo público. Pode parecer estranho, pois o cinema tinha por objetivo representar uma realidade, colorida, mas o público via essa realidade em preto e branco. Então, a impressão era outra. Ed Buscombe (1977, p. 88) oferece uma explicação:

(Isso pode) parecer estranho quando se supõe que a demanda de realismo no cinema tem sido sempre uma mera questão de representação literal das aparências. Afinal de contas, percebemos o mundo como sendo colorido, e, portanto, uma representação precisa também deve ser colorida... Mas, de fato, a questão nunca foi o que é real, e sim o que é aceito como real. E quando pela primeira vez tornou-se tecnicamente viável, a cor, ao que parece, não sugeria realidade, mas o oposto.

O que aconteceu foi que a cor, na mente do espectador, passou a ser usada para criar ilusão, dar idéia de artifício ou ornamentação. Só à medida que a cor tornou-se parte dos programas sobre temas diários,- como os noticiários da televisão-, é que perdeu a associação com a fantasia. Por curioso que pareça, a filmagem em preto-e-branco ainda é usada em determinados tipos de filmes, estando na dependência da impressão que o diretor quer transmitir ao público.

CAPITULO 3

3 ESTUDO DE CASO: O filme: *UMA VERDADE INCONVENIENTE* NO CONTEXTO DOS CURSOS DE PUBLICIDADE E JORNALISMO DE UMA UNIVERSIDADE DA CIDADE DE SÃO PAULO

O filme que foi objeto deste estudo é o reflexo dos últimos acontecimentos relacionados com a biosfera, focalizando principalmente o aquecimento global e a destruição da camada de ozônio. A obra é de Albert Gore (2006, EUA), e pode ser resumida em seguida.

Al Gore, como é mais conhecido, faz uma análise da questão ambiental global, envolvendo o aquecimento global, e mostra os mitos e equívocos existentes em torno do tema; apresenta também possíveis saídas para evitar que o planeta passe por uma catástrofe climática nas próximas décadas.

É uma visão estupefaciente e importante da cruzada de um homem para frear o progresso letal do aquecimento terrestre, esclarecendo as dúvidas relacionadas com a questão. Ele foi vice-presidente dos EUA e que, depois da derrota nas eleições presidenciais de 2000, voltou à sua luta política para livrar o planeta de um destino apocalíptico.

Uma Verdade Inconveniente traz argumentos persuasivos, alertando que já não se pode tratar o aquecimento global como um problema político, mas sim como o maior desafio que se enfrentará neste século.

Para exemplificar sua tese, o filme mostra cenas de um episódio da série animada *Futurama* (*Crimes of the Hot*, de 2002, EUA, em que Al Gore é um dos personagens; o roteiro foi co assinado por sua filha, Kristen), além da superprodução *O*

Dia Depois de Amanhã (2004, EUA), de Roland Emmerich. O filme ainda menciona recentes catástrofes, como o tsunami na Indonésia e o Katrina em Nova Orleans. Al Gore faz uma advertência mostrando uma impressionante visão do futuro do planeta e da nossa civilização. Sua obra representa um dos documentários mais importante do ano de 2004. Trata-se de um alerta onde permeiam mitos e conceitos errados, para revelar a mensagem que o superaquecimento global é um perigo real e imediato. Através da obra *Uma Verdade Inconveniente*, Gore cria o convincente argumento de que precisamos agir agora para salvar a Terra. Todos podem colaborar no sentido de inverter essa situação, na maneira que vivemos nosso dia a dia e nos tornamos PARTE DA SOLUÇÃO.

Ainda no documentário, Al Gore corrobora as informações fornecidas por ele com fotos e documentos. As fotos mostradas no documentário são de extrema importância, pois retratam locais diversos no mundo todo numa perspectiva muito interessante, na medida em que mostra o “antes e depois” do mesmo local. Montanhas no Nepal (conforme foto abaixo), entre outras, foram fotografadas em datas distintas para mostrar as consequências do aquecimento global. As alterações climáticas foram responsáveis pela mudança drástica na paisagem, e isso se comprova através de muitas outras fotos apresentadas em *Uma Verdade Inconveniente*.



Foto 1 : GlaciAr AX010 em 1978



Foto 2: GlaciAr AX010 em 2004

Fonte: Filme *Uma Verdade Inconveniente*

O longa-metragem de 100 minutos foi um dos veio contribuir com informações valiosas dentro do cenário mundial, mostrando a necessidade de mudança de postura do ser humano quanto ao meio ambiente.

Partindo-se dos objetivos propostos desta pesquisa, realizou-se um estudo em sala de aula utilizando-se de um filme de grande repercussão na mídia *Uma Verdade Inconveniente*.

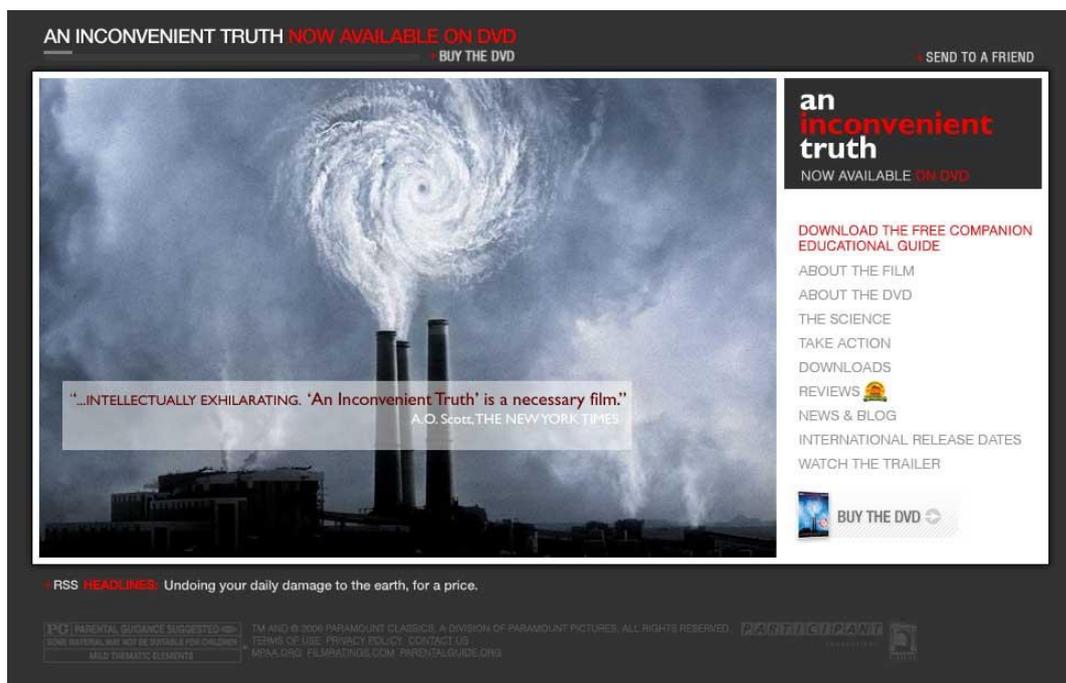


Figura 12 – Pagina inicial do site do filme *Uma verdade Inconveniente*

Fonte: <http://www.paramount.com/paramount.php>

Com base na pesquisa realizada, procurou-se entender o contexto social, cultural e o envolvimento do público-alvo que participou da pesquisa no que se refere às questões ambientais.



Figura 13 – Página do site onde está o currículo de Al Gore

Fonte: <http://www.paramount.com/paramount.php>

3.1 Resultados da 1ª etapa da pesquisa:

A primeira parte da pesquisa realizada com de 83 alunos nos dá logo de início uma visão geral do tema meio ambiente dentro da Universidade. O gráfico 1 refere-se à pergunta 4 do questionário)

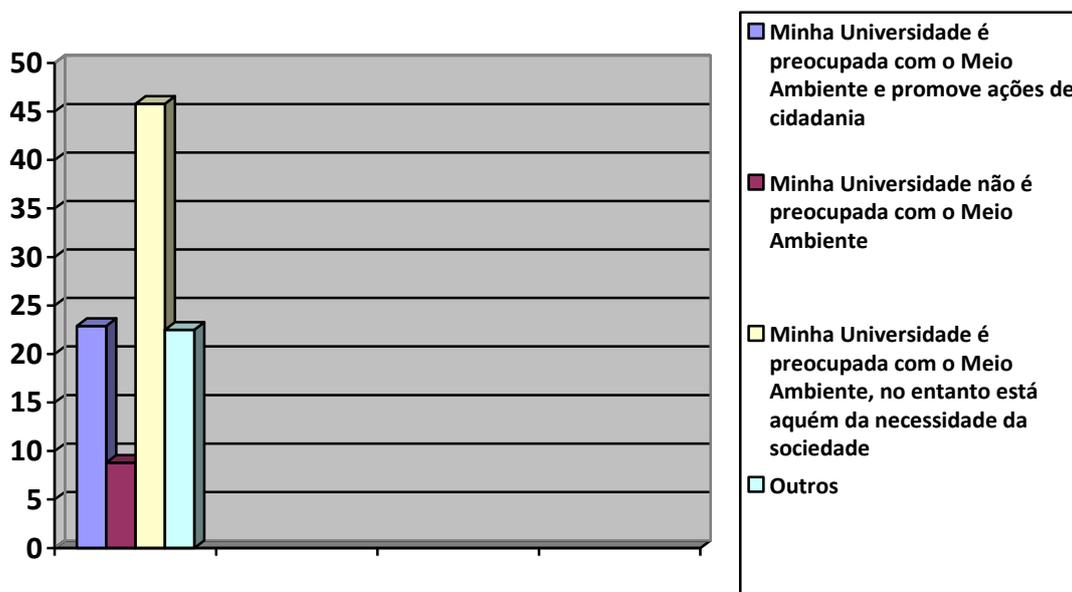


Gráfico 1 - Opinião do alunado quanto ao envolvimento da Universidade na Educação Ambiental

Pergunta 4: Em sua opinião, sua Universidade conta com uma política de educação ambiental ?

Este estudo, desde seu início, fundamentou-se na proposta de pesquisar a reação dos alunos que participaram da pesquisa após assistirem ao filme *Uma Verdade Inconveniente*, onde a aula se utilizou de inúmeros recursos, tais como: sons, músicas, fotografias, paisagens, diálogos, etc.

Dentro deste contexto, foram levantados os seguintes pontos: reflexões de alunos e professores com relação ao meio ambiente; utilização de mídias para tratar de assuntos relacionados com meio ambiente; especificamente o “efeito” da exposição ao filme *Uma Verdade Inconveniente*; também uma referência a filmes ambientais disponíveis no mercado para, após análise pelo professor, serem utilizados em sala de aula para a discussão de alguns temas importantes onde se faz necessário um maior envolvimento dos alunos.

Desses pontos, estabelecemos um objetivo geral que seria entender se, realmente, a exposição do público-alvo ao filme *Uma Verdade Inconveniente* seria capaz de sensibilizar e/ou provocar uma mudança em sua postura com relação às questões do meio ambiente. Também estabelecemos como objetivo secundário investigar as narrativas do público-alvo e, posteriormente, citar alguns filmes que tratam de assuntos com a temática ambiental.

A primeira etapa da pesquisa realizada antes da exposição do filme procurou conhecer o que esse público entendia por meio ambiente, suas colocações, sua visão quanto à posição da Universidade em que estudam e o seu envolvimento pessoal com ações ambientalmente responsáveis.

A análise do Gráfico 1 indica que 22,9% do público pesquisado entende e percebe que a Universidade possui, sim, uma política ambiental responsável. No entanto, 45,8% diz que a Universidade tem preocupação com o meio ambiente; no entanto, ainda considero estar aquém da real carência da sociedade em que está inserida.

Pela nossa experiência na Universidade, acreditamos que os alunos do referido curso poderiam ser mais incentivados a participar de inúmeras ações que a instituição desenvolve, proporcionando assim uma maior participação e envolvimento do alunado. Por outro lado, vê-se que 8,8% dos alunos diz que a Universidade não é preocupada

com o tema meio ambiente, o que sugere a necessidade de maior divulgação das atividades relacionadas com o tema.

Pergunta 1: Muito se fala hoje sobre em Meio Ambiente. Como você se identifica com o tema?

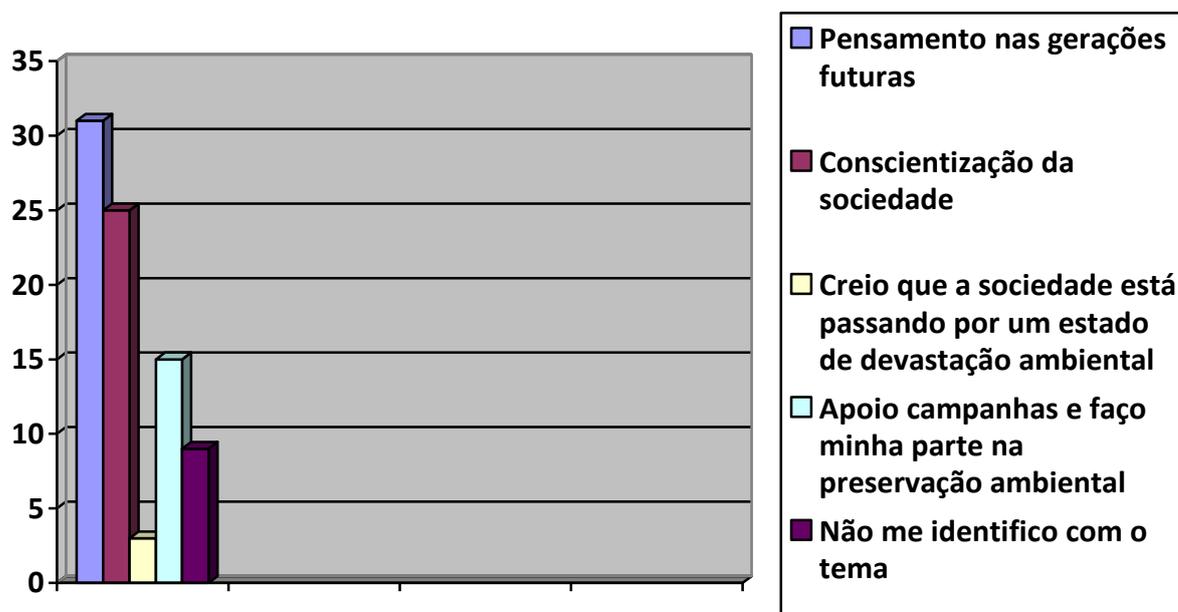


Gráfico 2 - Opinião do alunado quanto ao comprometimento pessoal com o tema meio ambiente

Ao serem perguntados sobre sua identificação pessoal com o tema meio ambiente, embora quase 10% dos alunos tenham se manifestado contrário à mentalidade de responsabilidade ambiental, a maioria dos pesquisados, ou seja 33%, manifestaram uma preocupação com gerações futuras dentro do contexto global.

O fato de 10% dos alunos não se interessarem pelo tema, pode-se deduzir que, em alguns cursos, a matéria meio ambiente não é amplamente discutida com os alunos com a sua devida importância e sua influência direta na qualidade de vida da população.

A esse respeito, a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulamentada pelo Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental no seu art. 5º diz:

Na inclusão da Educação Ambiental em todos os níveis e modalidades de ensino, recomenda-se como referência os Parâmetros e as Diretrizes Curriculares Nacionais, observando-se:

I- a inclusão da educação ambiental às disciplinas de modo transversal, contínuo e permanente; e II- a adequação dos programas já vigentes de formação continuada de educadores.

Tendo em vista a importância do tema para os alunos do curso de Publicidade e Jornalismo, a educação ambiental deveria ser tratada com maior ênfase de forma interdisciplinar na grade curricular dos referidos cursos.

De acordo com André Trigueiro, jornalista e repórter que trabalha na temática socioambiental, diz:

Grandes conglomerados da indústria da informação e do entretenimento detêm o controle sobre a maior parte dos conteúdos veiculados ao redor do mundo pelas televisões, rádios, jornais e revistas, influenciando hábitos, comportamentos e padrões de consumo. (TRIGUEIRO, 2003 p. 76)

E continua dizendo:

É intrigante como no Brasil, país que detém a maior reserva mundial de água doce, a maior biodiversidade e a maior floresta tropical do planeta, haja tanta escassez na oferta de cursos de meio ambiente voltados para estudantes de comunicação e jornalistas profissionais (TRIGUEIRO, 2003, p. 83)

É interessante notar, por outro lado, que existem vários profissionais da mídia e jornalistas ambientais que vêm promovendo a integração entre vários colegas brasileiros, por meio da Associação Brasileira das Mídias Ambientais (EcoMídias) e tem conseguido realizar bons trabalhos na disseminação de informações e conhecimento que contribuem para a construção da sensibilização ambiental e indicando caminhos da transformação (www.ifej.org)(rvb21@terra.com.br) In Trigueiro 2003, p.85).

Sabe-se que a interdisciplinaridade é um processo difícil; porém, ela deve ser estimulada, pois proporciona o enriquecimento das disciplinas e viabiliza a realização de um trabalho coletivo que requer dos participantes habilidades e atitudes para o exercício da cidadania e proteção ambiental.

Na Lei nº 9.795/99, no seu art. 1º do capítulo 1 consta:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais os indivíduos e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltados para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999).

Pergunta 2: Quais os temas que mais interessam a você sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável ?

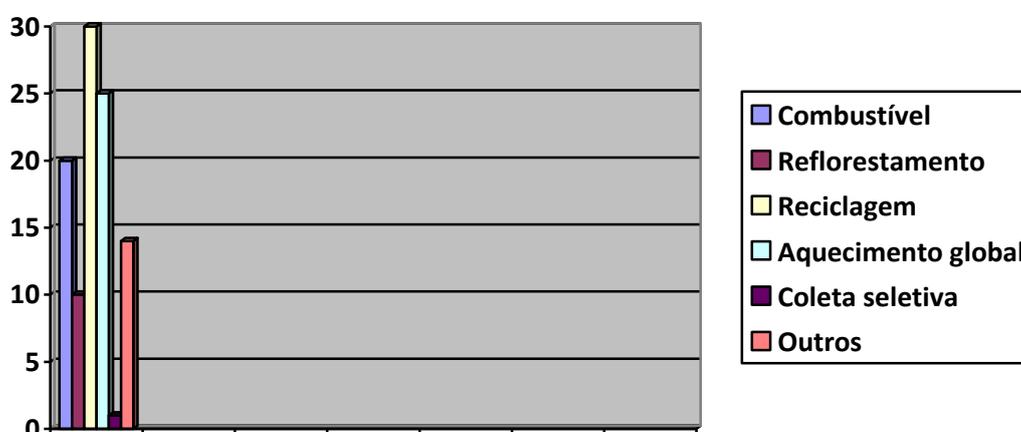


Gráfico 3 - Opinião do alunado quanto ao interesse pessoal por temas ambientais

Os alunos, quando tiveram oportunidade de manifestar seu interesse por assuntos específicos que envolvem o desenvolvimento humano e econômico de caráter sustentável, se manifestaram em sua maioria referindo-se à reciclagem em primeiro lugar; logo depois, ao aquecimento global.

A análise do Gráfico 3 evidenciou que os temas citados pelos alunos dizem respeito àquelas questões ambientais mais divulgadas pelos meios de comunicação (mídia, TV, internet, etc.), tal fato mostra a sua importância na transmissão de informação e conhecimentos que possam contribuir com o esclarecimento de muitas questões ambientais. Os temas mais citados foram em ordem decrescente da preferência foram; 30 % Reciclagem; 25% Aquecimento global; 20% Combustível; 14% outros; 10% Reflorestamento; 1% Coleta Seletiva.

Philippi e Pelicioni (2005, p.5) afirmam:

A Educação Ambiental pressupõe conhecimentos disciplinares diversos, os quais devem permitir uma visão integral dos problemas e possibilita o seu enfrentamento de forma interdisciplinar. Assim sendo, e por fazer parte dos vários setores da atividade humana, impõe-se ao educador um conhecimento que extrapola os limites de sua formação profissional.

Um dado significativo que merece atenção é o fato de que a maioria dos pesquisados, embora vejam que a Universidade incentiva o desenvolvimento de hábitos ambientalmente saudáveis, não têm conhecimento de nenhum projeto que ela realiza efetivamente. É o que nos mostra a pergunta a seguir.

Pergunta 3: Se você tivesse que explicar para um colega o que sua Universidade entende sobre cultura de responsabilidade ambiental, o que você diria ?

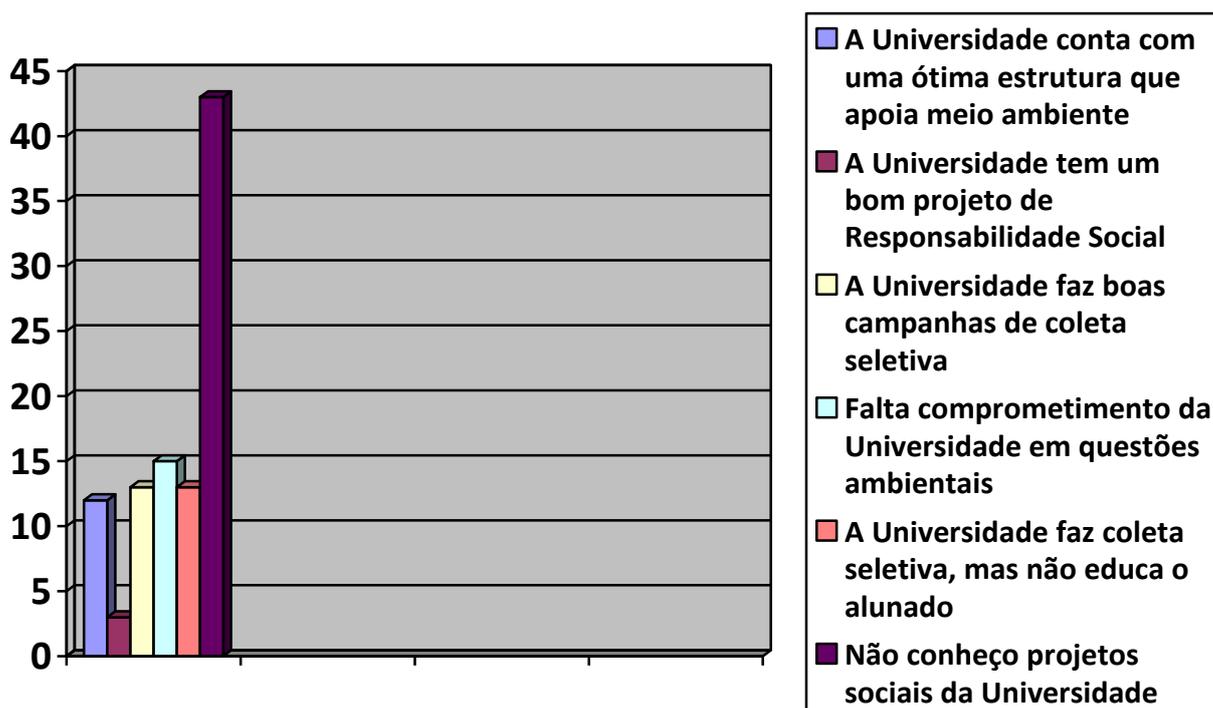


Gráfico 4 - Opinião do alunado quanto ao comprometimento da sua Universidade com causas sociais

Esta pergunta se relaciona com nossa preocupação em entender se os alunos pesquisados conhecem algum projeto da Universidade relacionado com o meio ambiente. Assim, pelos dados obtidos no Gráfico 4 verificamos que a maioria do alunado, ou seja 43%, não conhece os projetos sociais ou ambientais que a Universidade

desenvolve, mostrando desse modo, que as ações realizadas pela instituição ainda não tem a devida divulgação e promoção no próprio *campus*.

Com base nesses dados seria importante implementar novos procedimentos internos na Universidade estudada para que seus projetos na área ambiental fossem mais conhecidos, e até mesmo contassem com um contingente maior de voluntários nas inúmeras ações de responsabilidade ambiental que a instituição realiza e que são significativos.

As respostas dos alunos com relação à cultura de responsabilidade ambiental constam no Gráfico 4, chamou-nos a atenção que 15% deles disseram que falta comprometimento da Universidade no que diz respeito às questões ambientais.

Pergunta 5: Segundo sua opinião, quais as ações que você considera importante para serem seguidas por todos para que o planeta se torne sustentável ?

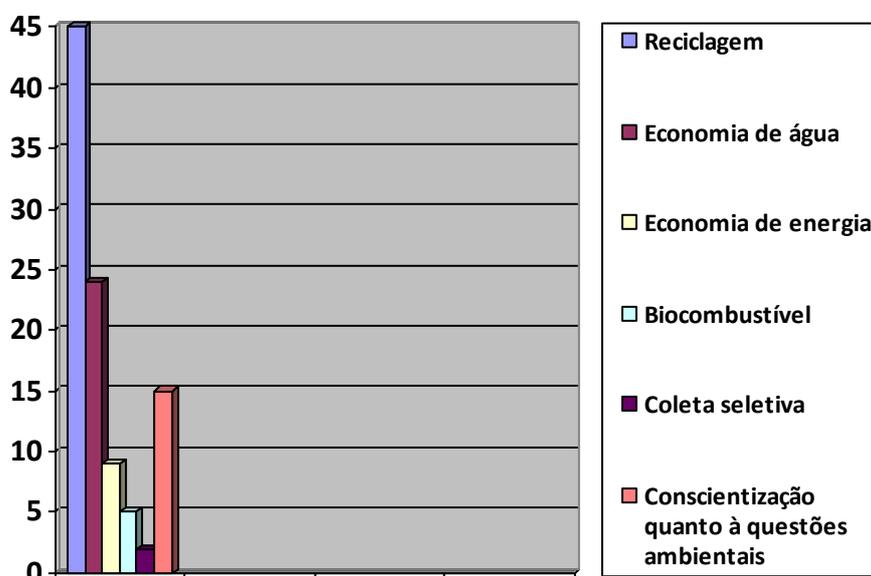


Gráfico 5 - Opinião do alunado quanto a atitudes da sociedade para com a sustentabilidade do planeta

Ficou evidente para a maioria dos entrevistados que a reciclagem seria o foco de uma atitude que a sociedade global deveria assumir para mudar o cenário ambiental do

planeta. A coerência desse pensamento, a maioria dos entrevistados responderam de forma positiva ao questionamento de posição pessoal quanto à reciclagem do lixo.

Com o resultado dessa questão, foi possível constatar que 45% dos alunos referiram a reciclagem como principal modo de estruturação ambiental em âmbito global e 24% acreditam que a economia de água seria fundamental para minimizar a sua falta em algumas regiões onde existe escassez.

Assim, pudemos entender um pouco a posição do alunado com relação às questões de caráter ambiental inserido na Universidade estudada que é base de nosso estudo.

Pergunta 6: Você desenvolve atitudes responsáveis em relação à sustentabilidade dos recursos naturais ?



Gráfico 6 - Opinião do alunado quanto a atitudes da sociedade para com a sustentabilidade do planeta

Com base nesta primeira fase de nossa pesquisa, chegou-se a algumas conclusões interessantes.

Conforme esclarecido no início deste trabalho, a primeira fase de nossa pesquisa de campo se deu através do questionário analisado acima, Suas respostas permitiram criar um contexto em que o público pesquisado se expressou quanto ao seu conhecimento sobre o tema meio ambiente e sua devida aplicação na Universidade.

Se bem que diversos alunos pesquisados conheciam o que se passa no meio ambiente, verificou-se que alguns ainda não têm postura adequada, ou mesmo não se interessam pelo tema.

Na realidade, embora hoje se fale muito sobre problemas ambientais, o discurso quase não se traduz em ações das quais a comunidade possa participar efetivamente. É claro que isso é um começo, todavia devemos reconhecer a urgente necessidade de refletir sobre o tema em questão na universidade, se desejamos um resultado pelo menos a médio prazo.

Percebe-se que 90% dos entrevistados, considerando todas as respostas dos alunos, têm conhecimento do que seja aquecimento global e estão conscientes que economizar água e combustível é uma das necessidades de nossos dias, para não enfrentarmos a escassez num futuro breve. Se isso é importante, é bem verdade que apenas conhecer essa necessidade não é suficiente para supri-las. As geleiras se derretem dia após dia e nos horrorizamos com os acontecimentos provocados por isso. No entanto, poucas são ainda as ações governamentais propostas, para que o indivíduo comum possa participar de maneira ativa desse processo de recuperação do planeta. Seria importante a participação dos educadores para motivar os alunos a realização de trabalho compartilhado, numa visão interdisciplinaridade e a troca de experiências sobre o tema.

Varias instituições privadas (a exemplo do Banco Real) já divulgam a necessidade de recolher pilhas e baterias que são prejudiciais à natureza quando descartadas de maneira inconsciente. O correto é, depois de usadas, entregá-las no local onde foram adquiridas.

Na realidade, é preciso que cada vez mais a mídia divulgue informações que ensinem o cidadão comum agir: como reciclar, como dispor corretamente os resíduos tóxicos, que podem causar risco à saúde pública, como fazer coleta seletiva e outras práticas que precisam ser urgentemente seguidas. Tais procedimentos já estão bastante seguidos por iniciativa de muitas comunidades. Mas ainda são os primeiros passos diante do muito que precisa ser feito, se queremos deixar um mundo um pouco melhor para nossos filhos e netos.

3.2 Resultados da 2ª etapa da pesquisa:

Na segunda etapa contamos com a participação de 98 alunos. Os gráficos a seguir mostram os resultados obtidos.

Pergunta 1b: Você já tinha assistido o documentário *Uma Verdade Inconveniente* ?

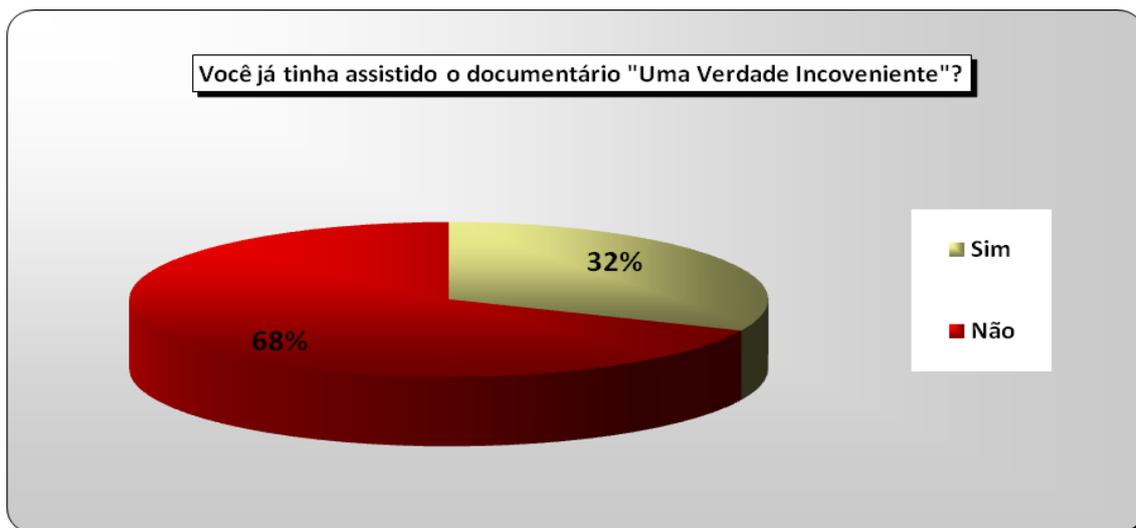


Gráfico 7 - Opinião do alunado sobre o conhecimento ou não do filme *Uma Verdade Inconveniente*

Três semanas após a aplicação do primeiro questionário, o documentário foi exibido em sala de aula e, em seguida, um segundo questionário foi aplicado aos alunos, cujos resultados são apresentados a seguir.

A maioria dos entrevistados, ou seja 68%, responderam que não conheciam o filme; e apenas 32% já tinham tido a oportunidade de assisti-lo. Para esta pesquisa esse dado foi de extrema importância para avaliar com maior precisão as respostas.

Pergunta 2b: Após assistir o filme, você passou a se interessar mais sobre questões de aquecimento global ?



Gráfico 8 - Opinião do alunado sobre interesse pelo aquecimento global

De imediato, a segunda pergunta questionou a possibilidade de aumentar o interesse pelo assunto aquecimento global após a exposição ao filme. A maioria, isto é, 93%, respondeu que sim.

Dentro desse contexto, todos os pesquisados perceberam que o documentário atendeu suas expectativas e, ao mencionar o que mais lhe interessou no filme, foram os derretimentos das calotas polares e a possibilidade de a vida do ser humano na terra ser afetada. A percepção dos alunos com relação ao atual estágio de depredação ambiental foi evidente e mostrou que essa compreensão foi possível após assistirem o filme; com efeito, o filme possibilitou visualizar experiências e fatos que estão acontecendo em lugares distantes de sua realidade. Ficou claro que o cinema, com seus recursos (imagens, sons, diálogos, fatos) pode contribuir para que a comunidade possa conhecer a complexidade e amplitude das questões ambientais e a gravidade das mudanças climáticas que vem ocorrendo nos últimos vinte anos, com graves alterações no meio ambiente natural.

Pergunta 3b: O conteúdo apresentado no filme atendeu suas expectativas ?

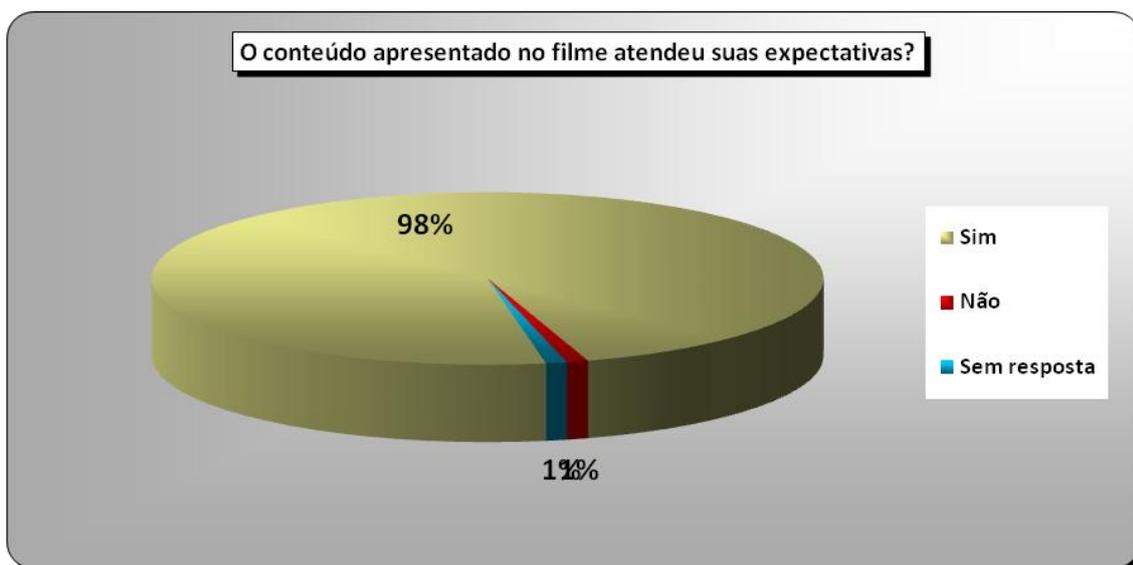


Gráfico 9 - Opinião do alunado sobre expectativas do filme

Como pudemos notar no Gráfico 9, a maioria dos alunos, ou seja, 98%, percebeu que o conteúdo do filme atendeu suas expectativas. Isso mostra que os filmes, se bem produzidos, podem ser utilizados como muito útil recurso didático para ser trabalhado em sala de aula e que podem fornecer importantes informações sobre diversas questões da atualidade.

O filme mostra com muita propriedade, imagens de como a atmosfera terrestre é capaz de alterar a concentração de alguns componentes, principalmente os gases causadores do efeito estufa, onde destaca o dióxido de carbono (CO_2), o metano, o óxido de nitrogênio, o óxido nítrico, o hexafluoreto de enxofre, os perfluorcarbono e os hidrofluorcarbonetos.

Fotos apresentadas mostram como as geleiras de montanhas e vales que existem no planeta estão derretendo, e muitas delas rapidamente.

Pergunta 4b: O que mais lhe interessou no filme ?

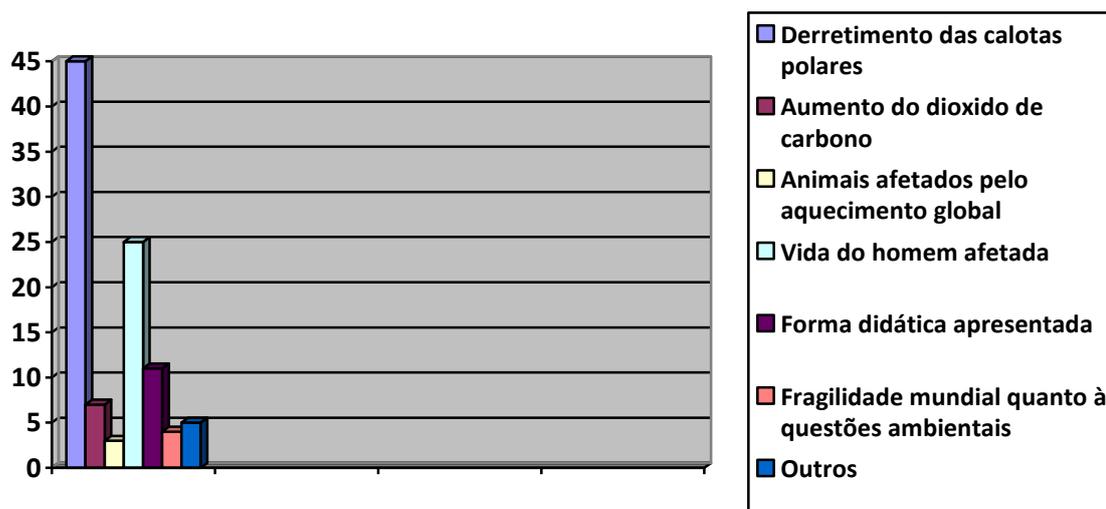


Gráfico 10 - Opinião do alunado sobre interesses do filme

Assim, foi possível constatar dentro da nossa amostra que o tema de maior interesse dos alunos foi o derretimento das calotas polares e foi citado por 45% dos envolvidos, seguido da preocupação com a vida do homem no planeta que é afetada pelo desequilíbrio ambiental, citada por 25% dos alunos.

A opinião do alunado vem dar sustentação à pergunta anterior, uma vez que o conhecimento de assuntos relacionados com o aquecimento global, derretimento de calotas polares e outros temas já fazem parte de seu cotidiano.

Pergunta 5b: Quais os sentimentos que você teve após assistir o filme ?

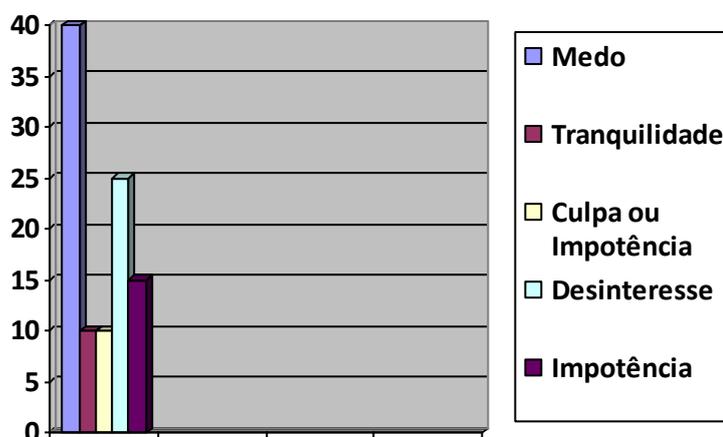


Gráfico 11 - Opinião do alunado sobre sentimentos pessoais após assistirem o filme

Percebemos também que “o medo” foi o mais citado pelos alunos, correspondendo a 40% deles. Após serem expostos às informações que o filme passou e, conseqüentemente, questionados sobre a possibilidade de realização de um trabalho sobre algum tema ambiental, o “aquecimento global” foi o tema escolhido, substituindo, assim, a reciclagem, apontada na primeira pesquisa, antes de assistirem o filme.

Provavelmente, isto se deve ao fato de o filme ter-lhes possibilitado visualizar por meio de fatos e imagens reais as consequências do aumento das emissões de dióxido de carbono (CO_2), que é uma das maiores fontes dos gases de efeito estufa, que gera a elevação da temperatura aquecendo o globo. Tal fenômeno é capaz de causar o derretimento das calotas polares, o aumento do nível dos oceanos, inundações e várias doenças de veiculação hídrica, em todos os continentes. O filme mostra a relação entre o aquecimento global e o número de furacões (de categoria 4 e 5) e tornados como os que ocorreram na Flórida e em diversos países em 2004 e 2005 e apresenta cenas reais de furacões e inundações que provocaram danos devastadores em vários continentes.

Pergunta 6b: Caso você fosse fazer um comercial, uma campanha ou um filme, que tipo de conteúdo ambiental você acharia interessante utilizar ?

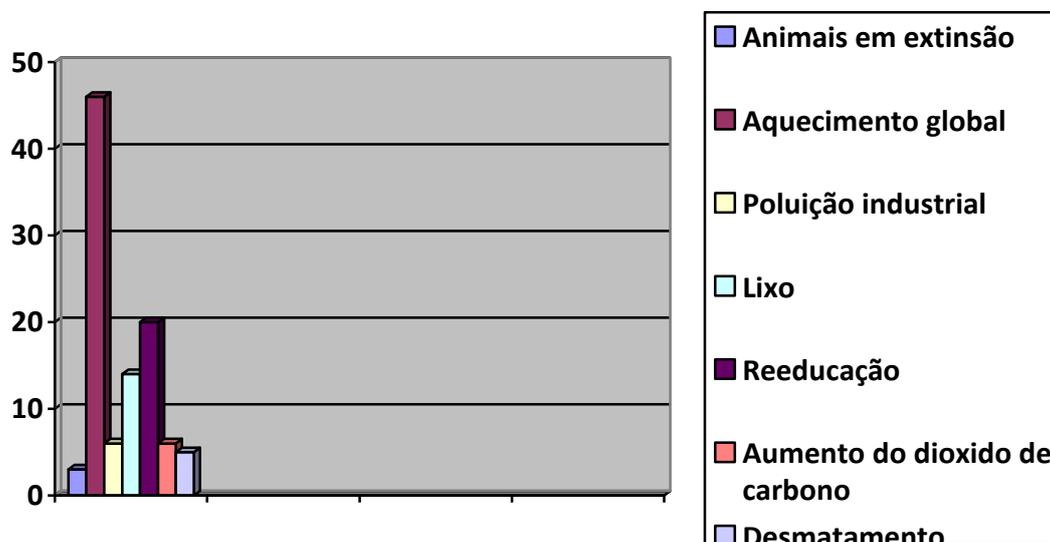


Gráfico 12 - Opinião do alunado sobre temas para realização de mídias

A maioria dos alunos aqui se manifestou dizendo que a temática do aquecimento global é muito importante, ou seja, 46% e 20% reconheceram a importância da reeducação da sociedade para refletir sobre a preservação. Analisando-se os resultados da pesquisa realizada antes da exibição do filme verificou-se que a maioria dos alunos referiram-se a reciclagem como o tema mais importante. Ao assistirem o filme, 46% referiram-se ao tema aquecimento global, o que mostra que os alunos foram sensibilizados com o tema aquecimento global; isso indica que o documentário influenciou na escolha do tema a ser desenvolvido para a produção de um comercial, campanha ou filme de conteúdo ambiental.

Os resultados apresentados no Gráfico 12 mostram a opinião dos entrevistados.

Verificou-se também o desconhecimento de alguns alunos, a respeito da influência do CO² na atmosfera e sua contribuição no aquecimento global, visto que a sua concentração contribui para aumentar a temperatura média da superfície da Terra, que deverá situar entre 1,5 e 4,5°C a mais, segundo o *3º Relatório do IPCC – Painel Intergovernamental sobre mudanças Climáticas*, publicado em 2001 (Goldemberg, 2003. Pg.176)

Al Gore em seu livro cita:

O ritmo imemorial das estações da Terra – verão, outono, e inverno e primavera – também está mudando. Algumas partes do globo estão se aquecendo mais depressa do que os outros. (GORE, 2006, p. 152)

E continua o autor:

Muitas espécies do mundo todo estão ameaçadas pela mudança climáticas, e algumas estão se extinguindo – em parte por causa da crise climática, em parte porque o ser humano está invadindo seus habitats. (GORE, 2006, p. 163)

Pergunta 7b: Dê sua opinião sobre Al Gore – ex-vice-presidente dos EUA - como defensor do meio ambiente.

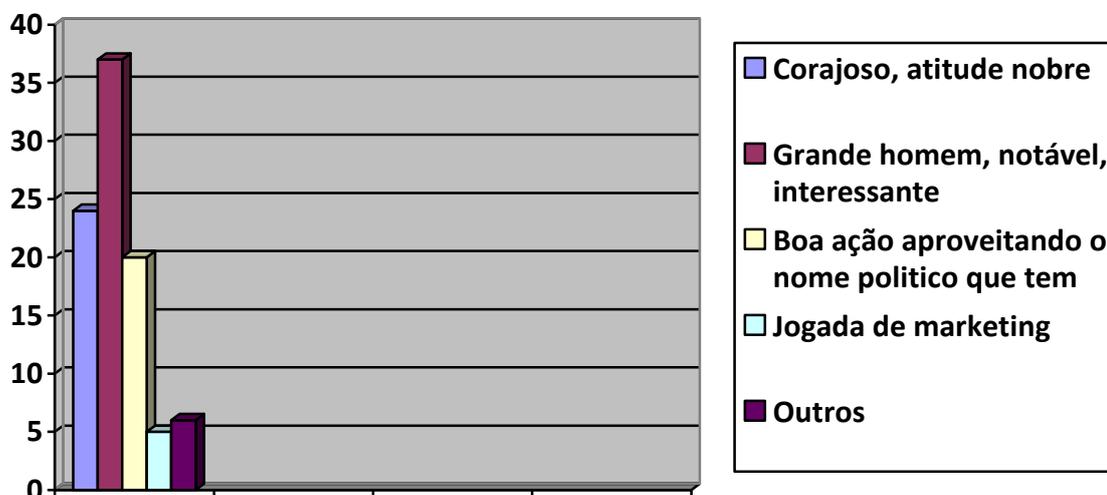


Gráfico 13 - Opinião do alunado sobre Al Gore

O principal personagem do filme utilizado na nossa pesquisa em sala de aula é o ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, figura política, envolvido em várias eleições, candidato vencido pelo ex-presidente americano George W. Bush. Mais de 40% dos alunos entrevistados reconheceram-no como um homem corajoso e notável, e todas as outras opções citadas evidenciaram o prestígio do público à imagem que Al Gore através da mídia como um homem que pensa no futuro da humanidade.

Pergunta 8b: Você acha interessante a utilização de multimídia (vídeos, filmes) para tratar de assuntos como meio ambiente ?

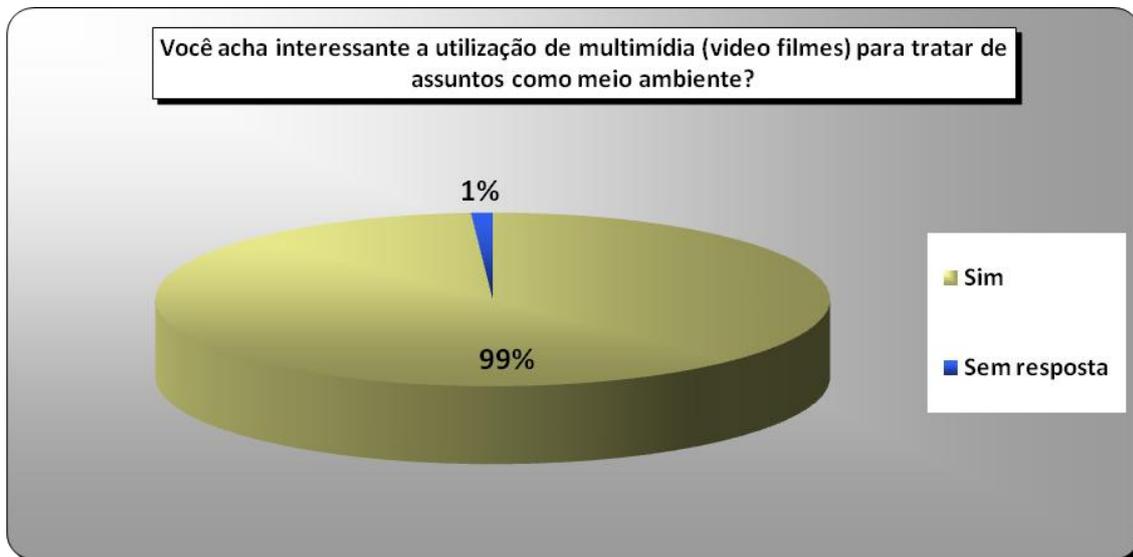


Gráfico 14 - Opinião do alunado sobre utilização de recursos multimídia em sala de aula

Foi possível verificar que 99% dos alunos pesquisados aprovaram a utilização de filmes e vídeos tratando de assuntos ambientais. No contexto em que a pergunta foi feita, deduz-se que essa aprovação quase unânime se referiu ao uso da multimídia em sala de aula. Justificativas diversas foram manifestadas da seguinte forma: transmitir informações precisas; prende a atenção, pois é um documentário de qualidade, além de várias afirmações nesta linha.

Da mesma forma, a grande maioria, quando questionada sobre a possibilidade de apresentar um trabalho ou dar uma aula, se sentiu à vontade para utilizar também recursos de multimídia em sala.

Pergunta 9b: Se você fosse fazer um seminário, dar uma palestra ou uma aula sobre a questão ambiental, você utilizaria um filme para facilitar o aprendizado ?

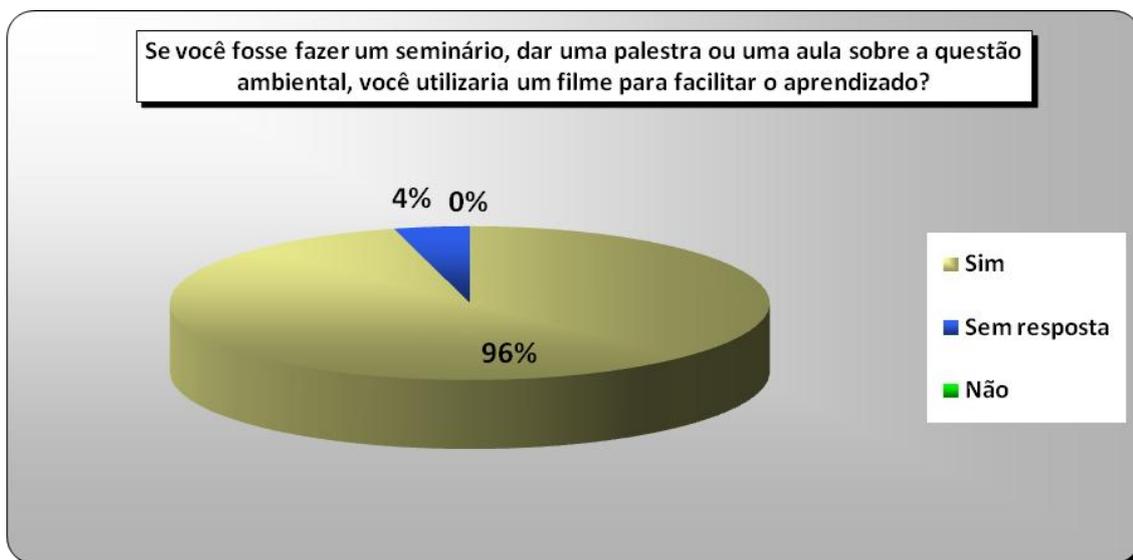


Gráfico 15 - Opinião do alunado sobre utilização de filmes para aulas, palestras, etc.

Com essa pergunta verificou-se que os 96% dos alunos acreditam que o cinema pode ser um recurso muito útil para expor as questões ambientais em sala de aula, pois o filme pode possibilitar debates e reflexões sobre os principais problemas que afligem a sociedade. Assim, entendemos a eficiência da “ferramenta” cinema para a exibição de temas sobre meio ambiente.

Percebemos que esta ferramenta é eficaz, pois a faixa etária dessa geração – jovens entre 18 e 20 anos – tem inserido em sua realidade tecnologias, tais como TV, internet, MP3, MP4, etc.; assim, o resultado apresentado acima nada mais é do que um retrato da geração pesquisada.

Por meio dos filmes, podemos constatar por exemplo: a crise dos recursos hídricos que ocorre em algumas regiões do planeta. Tal crise representa uma grande ameaça para a população devido a escassez de água, presente em alguns países; a erosão do solo; a pobreza e a falta de saneamento básico, entre vários outros aspectos importantes.

O filme *Uma Verdade Inconveniente* possibilita abordagens distintas, nas quais podem ser discutidas com os alunos, a incidência de doenças de veiculação hídrica – tais como Dengue, doença de Lyme, Hantavirus, doenças dos Legionários e viroses

entre outros - que tem prioridade na redução da mortalidade infantil e na segurança alimentar.

De igual modo, as questões de qualidade da água e as ameaças que ela representa para a saúde das pessoas e para os diversos ecossistemas.

A discussão e reflexão sobre em torno desses assuntos poderá contribuir para incrementar ações preventivas em benefício das populações e na proteção dos recursos naturais.

Pergunta 10b: Onde você iria procurar filmes e informações relacionados com conteúdos ambientais ?

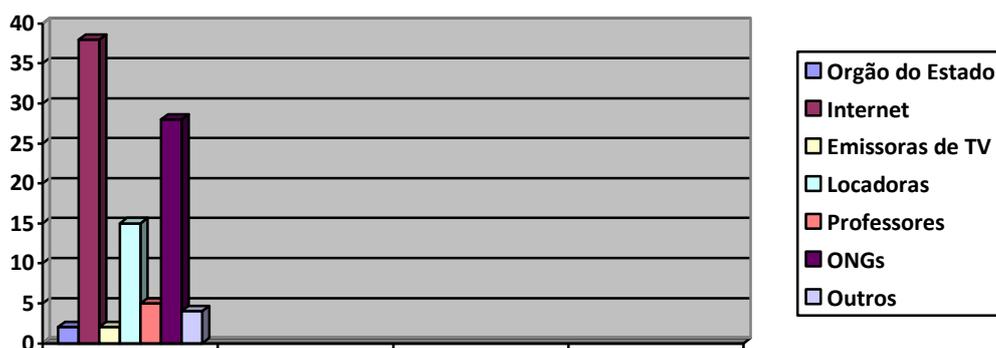


Gráfico 16 - Opinião do alunado sobre fontes de pesquisa de filmes ambientais

O perfil da atual geração é claramente percebida na Pergunta 10 (Anexo B), quando verificamos que a fonte de pesquisa dessa geração atual, pelo menos para o público pesquisado, é, sem dúvida, a *internet*, que foi seguida pela pesquisa em ONGs. Órgãos públicos e privados, como cinematecas, bibliotecas, foram citados por uma porcentagem mínima; o que mostra uma mudança de postura dos alunos universitários.

Pergunta 11b: Cite três momentos que, em sua opinião, se destacaram no filme e chamaram sua atenção.

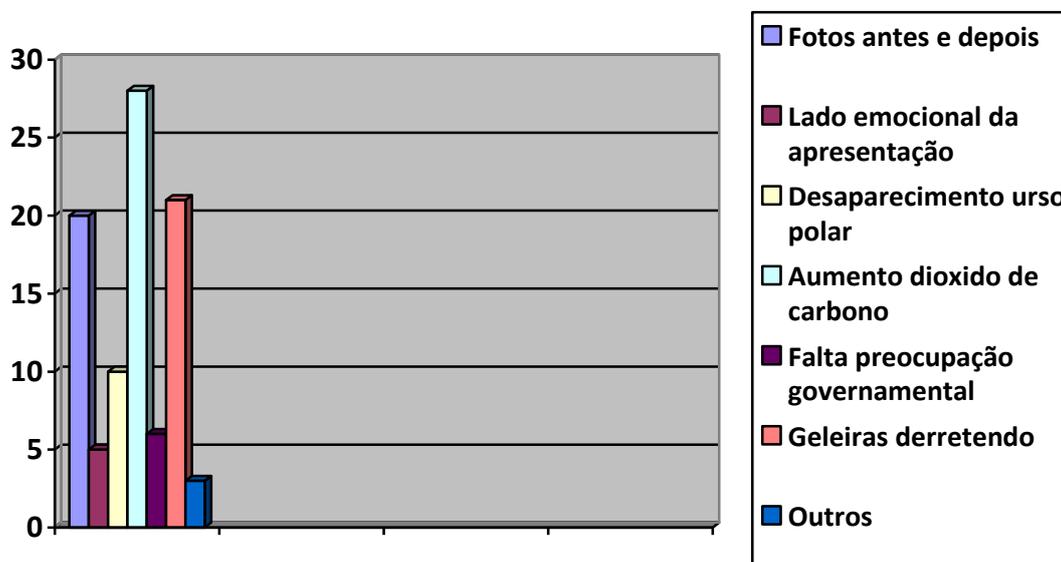


Gráfico 17 - Opinião do alunado sobre momentos marcantes do filme

O Gráfico 17 mostra que a maior parte dos alunos ficou impressionado com as cenas específicas do documentário, principalmente onde aparecem as geleiras (antes e depois do derretimento do gelo) e o aumento do CO² mostrado pelo documentário. As fotos apresentadas mostravam locais específicos há alguns anos atrás e o mesmo local nos dias atuais. Esse jogo de imagens “antes e depois” dos locais afetados pelo aquecimento global foi marcante para os alunos.

Percebe-se pelas respostas que todos foram sensíveis aos assuntos tratados no documentário. O filme pode ser utilizado em conjunto com aulas expositivas, discussão em pequenos grupos, pesquisa em livros, *internet*, para incentivá-los ao aprofundamento do tema em questão.

Pergunta 12b: Que nota você daria para o filme, de 1 a 10 ?

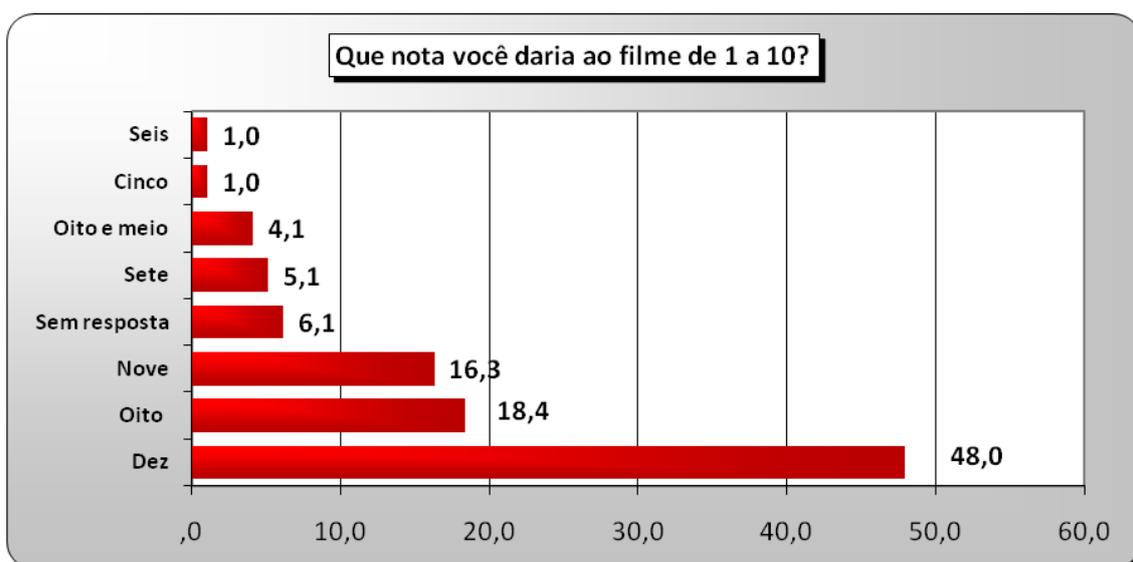


Gráfico 18 - Opinião do alunado avaliando o filme

Pergunta 13b: Você recomendaria o filme ?

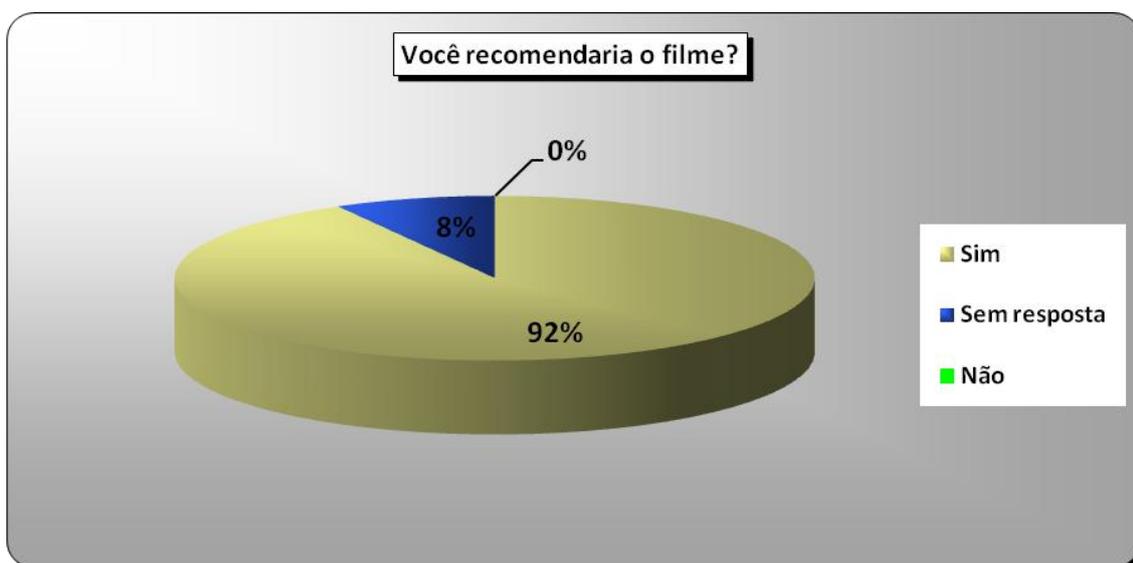


Gráfico 19 - Opinião do alunado sobre indicação do filme

Foi possível mensurar a avaliação de cada aluno de forma específica; bem como avaliar se o filme seria indicado para outros amigos, colegas, etc. Percebemos com o Gráfico 18 que 82,7% dos pesquisados deu uma nota elevada para o filme, ou seja, acima de 8 e no Gráfico 19 pudemos constatar que a maioria, 92% indicaria o filme para outra pessoa.

Na semana seguinte à exibição do documentário conversamos com os alunos e foi possível constatar depoimentos pessoais referentes ao comprometimento com assuntos ligados à temática discutida. A troca de informação e a apresentação de experiências individuais em ONGs foram muito importantes para que outros alunos pudessem entender que uma atitude deve ser tomada em nossa realidade, aqui, e agora, em sua casa, em seu bairro, na sociedade.

3.3 Resultados da 3ª etapa da pesquisa:

Na terceira etapa da pesquisa, realizamos em sala de aula um debate posterior à apresentação do filme, onde os alunos puderam expressar seus sentimentos, idéias e entender sua própria postura diante dos assuntos abordados no filme.

Esta etapa foi muito interessante pois possibilitou uma troca de visões entre os próprios alunos e trouxe à tona discussões sobre o comportamento de cada um; e este como indivíduo se relacionando com a sociedade.

A partir desta discussão, pudemos levantar questionamentos práticos, onde os alunos foram instigados à pensar em sua realidade, ou seja, suas ações e a de seus familiares com relação ao meio ambiente.

Assuntos como separação de lixo no condomínio onde moram, ou reciclagem, economia de água e energia foram tópicos tratados neste debate pós filme.

Desta forma pudemos acompanhar o satisfatório resultado que o filme trouxe para nosso público pesquisado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi exposto no decorrer deste trabalho vimos que utilizar novas linguagens em sala de aula e, especificamente, a linguagem cinematográfica é uma discussão um tanto antiga. Com efeito, durante as décadas de 1960 e de 1970, muito se debateu em torno dessa tecnologia como ferramenta educacional, na tentativa de levá-la para a escola e entender sua aplicabilidade no exercício da docência. Além dos autores já citados aqui, muitos outros se manifestaram, procurando sempre agregar novos conhecimentos e contribuições para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem fosse aperfeiçoado.

Sendo assim, entendemos que:

- a) Para esta pesquisa, o resultado foi satisfatório, na medida em que foi possível entender que a utilização de multimídia atingiu seu objetivo, que seja, sensibilizar, conscientizar e provocar discussão e reflexões sobre temas pertinentes vividos pela sociedade global no quesito meio ambiente.
- b) O documentário *Uma Verdade Inconveniente*, utilizado como objeto de estudo proporcionou, segundo os alunos pesquisados, sensibilidade, gerou expectativa, tendo sido levado em conta que o alunado da Universidade estudada está inserida em ambiente urbano e, por conseguinte, não tem muito contato com problemas ambientais; ou se tem alguma vivência, não se dão conta, não estão conscientes. Enfim, o documentário atingiu o objetivo nesta pesquisa que era atuar na percepção dos alunos quanto ao assunto aquecimento global (tema principal do documentário), porque, em questão de minutos, permitiu-lhes conhecer alguns problemas ambientais, fato que o professor não consegue fazer devido às limitações normais da transmissão de conteúdo a ser feito.
- c) Vários filmes foram citados, os quais da mesma forma, apresentam uma mensagem ambiental: *A Marcha dos Pinguins*, é um exemplo de mídia que trata de forma interessante temas ambientais. A propósito, Al Gore ressalta que:

A Nasa realizou um estudo com satélite e constatou que a Antártica está perdendo seu gelo terrestre ao ritmo de 31 bilhões de toneladas de água por ano: sendo assim os pinguins serão os primeiros a serem afetados, pois eles

dependem de alimentos para procriar. (GORE, 2006, p. 179)

- d) Finalmente, o depoimento do alunado com relação à exibição do documentário, realizada posteriormente ao segundo questionário, deixou clara a intenção de “querer ajudar” a sociedade a preservar o meio ambiente, mesmo que com pouco, mas deixando a lição que: se cada um fizer sua parte, a vida no planeta se prolongará.

Esse trabalho, pretende ser uma parcela de contribuição, vem levantar, então, a necessidade da atenção e da abertura de novos espaços para discussões e readequações, espaços onde o cinema pode fazer diferença quando se trata de avaliar uma aula considerada “um sucesso”, e outra, considerada “um fracasso”.

Entendemos, portanto, que a utilização de filmes em sala de aula, assistido em casa diante de um televisor, ou mesmo quando estamos em uma sala de cinema, esta mídia pode contribuir para despertar o interesse dos alunos para determinados temas, os quais deverão ser discutidos com o auxílio dos professores, utilizando-se de metodologias tradicionais, tais como: discussão em pequenos grupos e pesquisa bibliográfica, entre outros métodos.

Jacques Aumont defendeu a ideia de que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade; ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num determinado contexto histórico. Diz Aumont (1993, p.53) “A imagem é produzida para alguém, é construída como um diálogo com algum interlocutor e, por isso, é um discurso, um ponto de vista repleto de interferências e influências”.

Dessa maneira, o cinema vem com este olhar produzido auxiliar no entendimento de muitos paradigmas, costumes e realidades sociais. Nessas realidades, podemos, de forma lúdica e com as tecnologias disponíveis, tornar o aprendizado mais coerente com a existência que o alunado vive em seu dia a dia.

Entendemos que o resultado da presente pesquisa confirma nossa convicção de que o material audiovisual filmico, utilizado nos trabalhos e estudos em sala de aula, tem grande potencial para o aprendizado do discente e docente. Ao ser trabalhado pelo docente, o filme deve ser visto como uma fonte de informação e temas para discussão com seus alunos. Nesse sentido, é preciso haver o cuidado para que o tema estudado

seja discutido com argumentações coerentes, que não fiquem somente em questões de estética. Existe, sim, a possibilidade de se trabalhar a estética do filme, desde que este seja o foco da aula; porém, muitos outros aspectos podem ser abordados pelo professor, como, por exemplo, o contexto histórico, a fotografia, a trilha sonora, o contexto social, político, ambiental, religioso, as posturas éticas, etc.

Finalmente, é importante deixar clara a oportunidade do momento no qual estamos realizando este trabalho. O momento é de grande discussão de propostas curriculares, tanto no âmbito de escolas públicas e particulares, quanto em órgãos reguladores da educação. Nesse período de discussão, podemos acompanhar, ouvir e realizar vários debates, tentando buscar o melhor aproveitamento do alunado dentro de sala de aula e, por que não ?, até mesmo fora dela.

Alguns historiadores descrevem sua preocupação no que diz respeito ao contexto onde o aluno está inserido. Porém, tentamos entender a visão de Cabrini, que diz:

(...) as transformações sociais se dão em um tempo diferenciado, num “tempo histórico”, que deve exprimir e explicar essa mudança. É a esse tempo – que chamaremos de tempo histórico – que devemos ficar atentos e não somente ao que podemos chamar de tempo físico ou cronológico. O tempo histórico exprime, explica o processo que sofre a realidade social em estudo. (CABRINI, 1994, p. 36).

Vivemos e convivemos com desafios fantásticos que nos proporcionarão inúmeras descobertas nessa troca de conhecimentos que produzem novos conhecimentos. O cinema em sala de aula irá facilitar essas descobertas e, portanto, pode e deve ser uma ferramenta a nos auxiliar nesse movimento de quebra de paradigmas e perpetuar um novo modelo de ensino, com a certeza de que vale a pena investir tempo, dinheiro e discussão com os alunos.

Na realidade, tanto o aluno como o professor estão em eterno processo de aprendizagem, processo que nos permite influenciar na melhoria do meio ambiente em que vivemos e também ser influenciados por ele.

Tudo, enfim, que possa construir ou enriquecer o saber não pode ser desprezado. Especificamente, estamos nos referindo ao *slogan*: “Aprendendo e Ensinando com o Cinema”.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Phillipe. Apud LE GOFF, Jacques. *A nova história*. Lisboa: edições 70, 1977

Ambiental no Brasil: Materiais Impressos. São Paulo: Gaia, 1996.

ARAÚJO, Inácio. *O mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Portugal: Edições 70, 1977.

BEAUDOT, Alain. *A criatividade na escola*. São Paulo: Nacional, 1976.

BERCHMANS, Tony. *A música do filme*. São Paulo: Cortez, 2001

Brasil. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: *Diário Oficial da União* 28/04/1999

CABRINI, Conceição. *O ensino de história: revisão urgente*. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARNOY, Martin. *Educação, Economia e Estado*. São Paulo: 2ª ed. Cortez Editorial. 1986.

CHARNEY, Leo; SCHWATZ, Vanessa R. (orgs.) *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna*. 2ª ed. São Paulo: Cosac & Naify:2004.

CHIZZOTTI, Antonio. *A pesquisa em ciências humanas e sociais*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. *O outro lado do meio Ambiente*. Campinas: Millennium, 2002.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Libertino Editora, 2005.

GOLDEMBERG José. *Meio Ambiente – Energia In Meio Ambiente no século 21 – Sextante*, Rio de Janeiro, 2003.

GORE, Albert. *Uma Verdade Inconveniente – O que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global*. Tradução Isa Mara Landol. Barueri: Manole, 2006

JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. 17ª impressão. Rio de Janeiro: Editora, Nova Fronteira, 1999.

LAGO, Antonio; PÁDUA, José Augusto. *O que é ecologia*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1985.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas, novas abordagens e novos objetos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

LOPES, E. M. T; Faria Filho, I.M. Veiga, CB (org) *500 anos de educação no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2004.

MARX, Karl. *O Capital*. Coimbra: Centelha, 1974

MACHADO, Carlos Alberto. *Contribuições da ficção científica para o conhecimento e a aprendizagem*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba, 2000.

METZ, Christian. *A significação do cinema*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1978.

MORAN, José Manuel. *O vídeo na sala de aula*. Disponível em : <http://www.ead.ufsc.br/profor/disciplinas/textos/texto013.pdf>. Acesso em: 15 set. 2006.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2003

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: 2ª ed. Contexto, 2005.

NÓVOA, António (orgs). *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; 1997.

PFROMM NETTO, S. . *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem*. Campinas: Alínea, 2001.

PHILIPPI Jr, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2005 .

PHILIPPI JR., Arlindo. *Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais*. São Paulo: Signus, 2000.

PUENTE, Miguel de La, *O ensino centrado no estudante, renovação e crítica das teorias educacionais de Carl Rogers*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SERRANO, Jonathas; VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Cinema e Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

SILVEIRA, Isabel Orestes. O ensino do desenho para crianças de 9 a 10 anos de idade. um estudo comparativo entre duas escolas públicas e duas escolas particulares da região central de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). São Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2006.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e Comportamento humano*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

THOREAU, Henry D. *Walden ou A vida nos bosques*. 2ª ed. São Paulo: Editora.Global, 1984.

TOLEDO, Rubens Eduardo Monteiro de. *Cinematografia de Ficção Científica e CiberculturalI*. 2005.(163 f.) Tese (Doutorado em Comunicação e Estética do Audiovisual) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes de São Paulo, 2005.

TRIGUEIRO, André. Meio Ambiente na idade Mídia. In. *Meio Ambiente no Século 21*. Sextante, Rio de Janeiro, 2003

UNESCO. *Década da Educação para um Futuro Sustentável*. Disponível em: [HTTP://www.oei.es/decada/compromisopt.htm](http://www.oei.es/decada/compromisopt.htm). Acesso em 11 jul. 2007.

XAVIER, Ismail. *A Experiência do Cinema*. Coleção Arte e Cultura. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Internacional_de_Cinema_e_V%C3%ADdeo_Ambiental

<http://www.ambientebrasil.com.br/noticias/index.php3?action=ler&id=19418>

http://www.cultura.gov.br/noticias/noticias_do_minc/index.php?p=16358&more=1&c=1&pb=1

<http://www.ecopop.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=104&tpl=printerview&sid=10>

http://www.fica.art.br/ultimasnoticias_023.php

<http://www.funceb.org.br/revista7/06.pdf>

<http://www.futura.org.br/main.asp?View=%7BD913C70C%2D76A0%2D40B5%2D8DDC%2D1C5B6CE01BBD%7D&Team=¶ms=itemID=%7BEEF9747F%2DFFBC%2D4163%2DAA90%2D775F5379C1C2%7D%3B&UIPartUID=%7B4CC929EB%2DA3D4%2D412F%2DB19E%2D4212F800930B%7D>

www.fica.ort.br

<http://www.ambiente.sp.gov.br/>

FILMOGRAFIA

- OEDEKERK, Steve; MOOS-HANKIN, Devorah; RUBIN, Bruce Joel. *Minha Vida* (Filme-dvd) Produção de Steve Oedekerk, Devorah Moos-Hankin, Direção de Bruce Joel Rubin. EUA, Universal Studios, 1993. 1 DVD, 117 min. color. son.

- BENDER, Lawrence; BURNS, Scott; BURNS, Scott Z.; DAVID, Laurie; GUGGENHEIM, Davis. *Uma Verdade Inconveniente* (filme-dvd) Produção de Lawrence Bender, Scott Burns, Scott Z. Burns, Laurie David, Direção de Davis Guggenheim. EUA, Paramount Pictures, 2006. 1 DVD, 96 min. color. son.

- DARONDEAU, Yves; LIOUD, Christophe; PRIOU, Emmanuel; JACQUET, Luc. *Marcha dos Pingüins* (Filme-dvd). Produção de Yves Darondeau, Christophe Lioud, Emmanuel Priou, Direção de Luc Jacquet. França, Buena Vista Internacional, 2005. 1 DVD, 85 min. color. son.

- GOLDWYN, Samuel Jr.; HENDERSON, Duncan; WEIR, Peter. *Mestre dos Mares*. (Filme-dvd) Produção de Samuel Goldwyn, Duncan Henderson, Direção de Peter Weir. EUA, Century Fox, 2003. 1 DVD, 138 min. color. son.

- KEMP, Barry; FARREL, Mike; MINOFF, Marvin; NEWRTH, Charles; SHADYAC, Tom. *Patch Adams – O Amor é contagioso* (filme-dvd) Produção de Barry Kemp, Mike Farrel, Marvin Minoff, Charles Newrth, Direção de Tom Shadyac. EUA, Universal Pictures, 1998. 1 DVD, 118 min. color. Son.

- KLOSER, Harald; EMMERICH, Roland. *O Dia depois de Amanhã* (Filme-dvd). Produção de Harald Kloser, Direção de Roland Emmerich. EUA, Fox Films, 2004. 1 DVD, 118 min. color. son.

- WAGG, Peter; MALLET, David. *Cirque du Soleil – Quindan* (Filme-dvd). Produção de Peter Wagg, direção de David Mallet. Amsterdam, Cirque du Soleil Imagens, 2003.
1 DVD, 90 min. color. son.

6 APÊNDICE

APÊNDICE A

Formulário: Instrumento de coleta de dados

Pesquisa para subsidiar atividade de dissertação de Mestrado

Apresentação

Por meio deste questionário, pretende-se colher informações para desenvolver a dissertação de Mestrado do curso de Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Este estudo tem como objetivo verificar o potencial e a melhor forma de se desenvolver o tema Meio Ambiente em sala de aula.

Favor responder as perguntas do questionário que você vai receber. Espera-se que as respostas sejam dadas com o máximo de espontaneidade e sinceridade. Esclarecemos que esta pesquisa não envolve qualquer viés de avaliação institucional ou pessoal e não requer sua identificação, pois todos os dados serão analisados dentro de regras da ética e resguardando o sigilo.

Sua contribuição será muito valiosa e significativa para a pesquisa que estaremos desenvolvendo.

Ismael de Lima Junior

Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura

QUESTIONÁRIO

1) Muito se fala hoje sobre Meio Ambiente. Como você se identifica com o tema ?

R: _____

2) Quais os temas que mais interessam a você sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável ?

R: _____

3) Se você tivesse que explicar para um colega o que sua Universidade entende sobre cultura de responsabilidade ambiental, o que você diria ?

R: _____

4) Em sua opinião, sua Universidade conta com uma política de educação ambiental ?

A Universidade em que você estuda está preocupada com o Meio Ambiente e promove ações de cidadania.

A Universidade em que você estuda não está preocupada com o Meio Ambiente.

A Universidade em que você estuda está preocupada com o Meio Ambiente, no entanto está aquém da necessidade da sociedade.

Outros: Dê sua opinião: _____

5) Segundo sua opinião, quais as ações que você considera importante para serem seguidas por todos para que o planeta se torne sustentável ?

R: _____

6) Você desenvolve atitudes responsáveis em relação à sustentabilidade dos recursos naturais ?

R: _____

APÊNDICE B

Formulário: Instrumento de coleta de dados

Pesquisa para subsidiar atividade de dissertação de Mestrado

Apresentação

Por meio deste questionário, pretende-se colher informações para desenvolver a dissertação de Mestrado do curso de Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Este estudo tem como objetivo verificar o potencial e a melhor forma de se desenvolver o tema Meio Ambiente em sala de aula.

Favor responder as perguntas do questionário que você vai receber. Espera-se que as respostas sejam dadas com o máximo de espontaneidade e sinceridade. Esclarecemos que esta pesquisa não envolve qualquer viés de avaliação institucional ou pessoal e não requer sua identificação, pois todos os dados serão analisados dentro de regras da ética e resguardando o sigilo.

Sua contribuição será muito valiosa e significativa para a pesquisa que estaremos desenvolvendo.

Ismael de Lima Junior

Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura

QUESTIONÁRIO

1b) Você já tinha assistido o documentário *Uma Verdade Inconveniente* ?

SIM

NÃO

2b) Após assistir o filme, você passou a se interessar mais sobre questões de aquecimento global ?

SIM. Por quê? _____

NÃO. Por quê? _____

3b) O conteúdo apresentado no filme atendeu às suas expectativas ?

SIM. Por quê ? _____ -

NÃO. Por quê ? _____ -

4b) O que mais lhe interessou no filme ?

R: _____

5b) Quais os sentimentos que você teve após assistir o filme ?

Preocupação Tristeza Interesse Estimulou mudança

Insegurança Surpresa Outros.

Quais? _____

6b) Caso você fosse fazer um comercial, uma campanha ou um filme, que tipo de conteúdo ambiental você acharia interessante utilizar ?

R: _____

7b) De sua opinião sobre Al Gore – ex vice-presidente dos EUA - como defensor do meio ambiente.

R: _____

8b) Você acha interessante a utilização de multimídia (vídeo filmes) para tratar de assuntos como meio ambiente ?

SIM. Por quê ? _____ -

NÃO. Por quê ? _____ -

9b) Se você fosse fazer um seminário, dar uma palestra ou uma aula sobre a questão ambiental, você utilizaria um filme para facilitar o aprendizado ?

SIM. Por quê ? _____ -

NÃO. Por quê ? _____ -

10b) Onde você iria procurar filmes e informações relacionados com conteúdos ambientais ?

R: _____

11b) Cite três momentos que em sua opinião, se destacaram no filme e chamaram sua atenção.

R: _____

12b) Que nota você daria ao filme de 1 a 10 ? Por quê ?

NOTA: _____

R: _____

13b) Você recomendaria o filme ?

SIM. Por quê ? _____ -

NÃO. Por quê ? _____ -

7 ANEXO

Cópia do trailer do Filme estudado: *Uma Verdade Inconveniente*.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)